

MARIANA CIMINELLI MARANHO

**ESPAÇOS PÚBLICOS DE ESPORTE E LAZER NA PERIFERIA DE
CURITIBA: UMA QUESTÃO DE (DES)APROPRIAÇÃO**

**Monografia apresentada como requisito
parcial para conclusão do Curso de
Licenciatura em Educação Física, do
Departamento de Educação Física, Setor
de Ciências Biológicas, da Universidade
Federal do Paraná.**

Orientadora: Professora Dra. Simone Rechia

Co-Orientadora: Mestranda Aline Tschöke

AGRADECIMENTOS

Enfim formada! Mas não conseguiria percorrer esse caminho sozinha. Muitas foram as dificuldades, os desafios, mas muitos também foram os momentos inesquecíveis, os amigos conquistados.

Aos meus pais pelo apoio e força incondicionais, em especial à minha mãe pelas correções, dicas, e auxílio na descrição da comunidade e na transcrição da entrevista.

À Professora Simone Rechia, nossa “profemãe”, que mesmo distante, indicou caminhos, deu puxões de orelha, incentivou, corrigiu, parabenizou. Pessoa indispensável não só para a realização dessa monografia, mas também para minha formação acadêmica.

À Aline Tschöke, irmã, madrinha, amiga, orientadora, anjo da guarda, mestranda, coordenadora. Enfim, alguém que não foi apenas minha co-orientadora, me apoiando durante todo o processo de construção de monografia e das dificuldades desse final de curso. Se tornou uma pessoa insubstituível.

À toda a família GEPLEC, que sempre me apoiou e incentivou: Flavia, Talita, Vanessa, Rafael, Andrey, Sica, Rafaela, Luize, Lorena, Christian, Karine, Maria Fernanda. Mas em especial aos amigos inesquecíveis Thaís, Pedro e Paulinho.

Aos amigos conquistados durante o curso, Fernanda e Matheus, que me ajudaram a passar por esse desafio.

Não posso esquecer daqueles que trabalham comigo na Academia Gustavo Borges, compreendendo minhas ausências, preocupações, e me incentivando: Rodrigo, Stephane, Tatiane, Júlia, Silvia, Raphael, Kátia, Sydney, Fernando, Liane, Daniele, Janaina, Raphaela.

Aos amigos que embora distantes, foram essenciais, Stheyller, Ana Paula, Naiara e Tainá, Greice, Maíra, Lucas.

Agradeço às considerações feitas pelos integrantes da banca examinadora, Flávia, Felipe e Aline.

Obrigado a todos que acreditaram nessa conquista, mas em especial aos meus pais, e às amigas Thaís e Aline.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS.....	ii
LISTA DE FIGURAS.....	iv
LISTA DE TABELAS.....	v
LISTA DE QUADROS.....	vi
RESUMO.....	vii
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA.....	4
3. ESPAÇO, CIDADE... ..	11
4. O BAIRRO UBERABA.....	18
4.1 UM POUCO DE HISTÓRIA.....	18
4.2 ASPECTOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA ÁREA PESQUISADA.....	19
4.3 ESPAÇOS PÚBLICOS DE ESPORTE E LAZER.....	35
5. CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	48
ANEXO I.....	52
ANEXO II.....	54

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa do bairro Uberaba com área pesquisada em destaque.....	21
Figura 2 – Mapa do setor censitário 159.....	22
Figura 3 – Inserção do setor censitário 30159 como área de ocupação irregular..	22
Figura 4 – Localização dos espaços identificados na área de estudo.....	34
Figura 5 – Sinalização da Praça Homero Morinobu Oguido.....	37
Figura 6 – Praça Renato Russo.....	38
Figura 7 – Quadra, parquinho e sistema de iluminação disponíveis na Praça Renato Russo.....	39
Figura 8 – Lixo disposto indevidamente e apropriação por um projeto social na Praça Homero Morinobu Oguido.....	41
Figura 9 – Manutenção regular, postes de luz e o trem passando ao lado da Praça Homero Morinobu Oguido.....	41
Figura 10 – Desapropriação na “Praça do Cairo”	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Domicílios particulares permanentes e participação relativa por número de moradores na área pesquisada, bairro Uberaba e Município de Curitiba – 2000... 27

Tabela 2 – Responsáveis pelos domicílios e participação relativa, por anos de estudo, na área pesquisada, bairro Uberaba e Município de Curitiba – 2000.....31

Tabela 3 – Área de Lazer Por Tipo no Bairro Uberaba no Município de Curitiba – 2005
..... 35

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Jardinets no Bairro Uberaba no Município de Curitiba – 2005..... 40

Quadro 2 – Praças no Bairro Uberaba no Município de Curitiba – 2005..... 41

RESUMO

ESPAÇOS PÚBLICOS DE ESPORTE E LAZER NA PERIFERIA DE CURITIBA: UMA QUESTÃO DE (DES)APROPRIAÇÃO

A partir da análise da história curitibana, percebe-se uma quase permanente preocupação com o planejamento da cidade, abrangendo tanto a questão ambiental quanto a disponibilização de áreas de lazer para a população.

Diante dessa preocupação, o presente estudo tem como objeto mapear os espaços públicos de esporte e lazer, localizados em uma determinada região do Bairro Uberaba na cidade de Curitiba-PR, compostos pelos locais: Jardim das Torres, Moradias Itiberê, Moradias Cairo e Jardim Alvorada. Esta pesquisa apóia-se no método de pesquisa qualitativa e baseia-se na aplicação de protocolos de análise (desenvolvidos pela rede cedes, núcleo CEPELS – Centro de Estudo e Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade).

A região analisada é caracterizada por uma população com baixa escolaridade, baixa remuneração e maior número de moradores por domicílio que a média da cidade, com a presença de áreas de ocupação irregular. É, assim, uma área de vulnerabilidade social, com forte atuação de diversas instâncias de promoção e recuperação social.

O mapeamento dos espaços de lazer da região pode configurar-se em um importante instrumento para o desenvolvimento de políticas públicas, principalmente quanto à estrutura etária prevalecente na área estudada (crianças e jovens) e a situação grave de vulnerabilidade da população. Desta forma, a partir das análises realizadas quanto à manutenção, segurança e diversidade dos equipamentos, percebe-se que não há uma manutenção e limpeza regular; assim como não foi encontrada uma grande diversidade de equipamento nestes espaços; observou-se a existência de postes de luz, possibilitando uma relativa segurança no período noturno, mas nenhum dos espaços possuía algum guarda municipal. Como consequência, nossas observações nos permitem afirmar, que ocorre uma (des)apropriação desses ambientes por parte da população em geral durante os horários observados.

Palavras chaves: espaço, lazer, apropriação.

1 INTRODUÇÃO

A cidade, uma paisagem artificial criada pelo homem, composta por objetos e imagens, uma mistura entre espaço criado e natural, dinamizada entre a vida privada e pública, onde são articulados tempo/espaço, trabalho, política, consumo, cultura, lazer. Em tal ambiente, são os espaços públicos o próprio pulsar da vida urbana, é através dele que se estabelece o vínculo entre participação ativa e vida na cidade. (RECHIA, 2003)

Diante dessas questões, no âmbito do CEPELS¹, dentre outros grupos, se desenvolve o Grupo de Estudos e Pesquisa em Lazer, Espaço e Cidade – GEPLEC – coordenado pela professora Simone Rechia. Tal grupo coordena três núcleos do Programa de Esporte e Lazer da Cidade – PELC², são esses: Matinhos, Vila Zumbi e Vila Audi. Esta monografia está vinculada a este grupo e ***pretende discutir, especificamente, os espaços de lazer numa determinada área no bairro Uberaba, na cidade de Curitiba - PR, onde está implantado o PELC Vila Audi.***

Durante a implementação desses núcleos, foi observada a existência de inúmeros espaços públicos de lazer na região do PELC Vila Audi, considerada uma área de risco social, fato que fez surgir novas discussões no GEPLEC.

Já existem pesquisas acadêmicas em relação a espaços públicos de lazer na cidade de Curitiba³, mas essas tratam prioritariamente regiões centrais, poucas são aquelas que trabalham com regiões periféricas, entre elas a do professor Felipe Sobczynski Gonçalves, intitulada “Espaço e equipamentos no âmbito do lazer e esporte na Vila Nossa Senhora da Luz”. Portanto, acredita-se que há realidades e problemáticas encontradas em tais localidades que são pouco pesquisadas no âmbito acadêmico, possibilitando análises diferenciadas, com características peculiares do restante de Curitiba.

¹ Centro de Estudos e Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade, situado na Universidade Federal do Paraná, no Departamento de Educação Física, Setor de Ciências Biológicas.

² “Implantado e gerenciado pela Secretaria Nacional de Desenvolvimento do Esporte e do Lazer, SNDEL, do Ministério do Esporte, o programa visa, em síntese, suprir a carência de políticas públicas e sociais que atendam às crescentes necessidades e demandas da população por esporte recreativo e lazer, sobretudo daquelas em situações de vulnerabilidade social e econômica, reforçadoras das condições de injustiça e exclusão social a que estão submetidas.” (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2009).

³ Euza Virginia Cagnato – Praças de Curitiba: Espaços que possibilitam as experiências no âmbito do esporte e lazer?; Marcelo Ponestki Oliveira – A Relação Entre Atividade Física/ Esporte e Lazer em Parques Públicos de Curitiba; Rodrigo de França – Oferta versus demanda: uma análise da relação entre o poder público e as associações de usuários dos parques e bosques da cidade de Curitiba.

Tais análises podem colaborar com a comunidade, subsidiando o desenvolvimento de políticas públicas no espaço do esporte e lazer da região analisada e de outras com características semelhantes, levando aos órgãos responsáveis novas e interessantes demandas.

Desta forma, o presente estudo tem como objeto diagnosticar os espaços públicos de esporte e lazer localizados nas seguintes regiões no bairro Uberaba: Jardim das Torres, Moradias Itiberê, Moradias Cairo e Jardim Alvorada. Buscando mapeá-los a partir da relação de constituição e gestão desses espaços.

Para tanto, pretende-se (1) caracterizar a comunidade residente no bairro Uberaba, da cidade de Curitiba, e especificamente nas localidades anteriormente referenciadas, que fazem parte do PELC; (2) localizar quais são os espaços públicos de esporte e lazer, mapeando como estes estão constituídos e quais são suas características; (3) além de enumerar as ações administrativas existentes para gestão desses espaços. Tendo estas etapas sido vencidas, pretende-se estabelecer relações entre o planejamento urbano de Curitiba, esse bairro e a constituição dos espaços e equipamentos de esporte e lazer.

Quanto à metodologia utilizada, segue uma abordagem qualitativa com criação de categorias de análise a posteriori, inspiradas na análise cultural proposta por Geertz. Compreende-se que esse processo de investigação busca “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 1989, p.15). Procura-se nesse estudo explorar as ações cotidianas buscando identificar características nos espaços e equipamentos, além de mapear ações, o que subsidiará posteriormente o desvelar dos sentidos e significados a eles atribuídos.

Para tanto são utilizadas fontes como os documentos oficiais da Prefeitura Municipal de Curitiba, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC, dentre outras para caracterização da comunidade analisada. Também será aplicado protocolo de investigação⁴, observações assistemáticas registradas em diário de campo e entrevistas semi-estruturadas com gestores públicos da cidade de Curitiba.

⁴ Protocolo desenvolvido pelo GEPEC, com o objetivo de “sistematizar informações sobre as características dos espaços, os objetivos para os quais foram construídos, o histórico dos espaços, a acessibilidade, a descrição dos equipamentos, as formas de apropriação, os projetos desenvolvidos

Acredita-se que tais procedimentos metodológicos podem possibilitar a conexão de informações sobre as características dos espaços analisados, os objetivos para os quais foram construídos, seu histórico, a descrição dos seus equipamentos e demais informações consideradas relevantes no momento da pesquisa de campo.

2 PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA

A cidade de Curitiba é nacional e internacionalmente reconhecida como “cidade-modelo”, “cidade ambientalmente correta”, “capital ecológica”, “capital social”, entre outras, denominações estas em função das experiências urbanas, consideradas inovadoras e criativas. Para compreender tais rótulos faz-se necessário então compreender o planejamento e a gestão da cidade de Curitiba, através de uma breve análise do processo histórico/cultural da cidade.

As primeiras intervenções urbanas na cidade ocorreram em função da emancipação política do Paraná, em 1853, quando a Curitiba se transformou na nova capital da Província do Paraná. Para adequar Curitiba à condição de capital, o engenheiro francês Pierre Taulois fez recomendações quanto ao traçado e alinhamento das ruas existentes na vila. Por exemplo, sobre a Rua Graciosa (atual Barão do Cerro Azul) apontou que “esta rua no seu prolongamento vai encontrar a Estrada da Marinha nas proximidades do Rio Belém (...) não tendo casas até agora, nada tem a mudar-se basta conservar o paralelismo”.⁵

Foi a partir da segunda metade do século XIX que ocorreu o início do desenvolvimento urbano, com a inauguração da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá, que levou a cidade a receber um grande número de imigrantes europeus. A política migratória do estado procurava, com a instalação desses imigrantes camponeses nos arredores da cidade, solucionar os problemas de abastecimento alimentar, aumentando a agricultura de subsistência e a produção de hortigranjeiros. Estes também introduziram novos valores e costumes culturais, como por exemplo, a difusão de jardins e preservação dos bosques. O crescimento desordenado, já nesta época, principalmente nas regiões próximas ao centro, era rigorosamente fiscalizado.

Os engenheiros que construíram a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, na década de 1880, adotaram na íntegra o modelo francês de urbanismo no planejamento da cidade – cidades-jardins⁶, já que tais mudanças não dependiam de

⁵ Citação retirada de Barz *et al*, 1999. p. 5.

⁶ Segundo Rechia, o modelo francês de cidades-jardins conceituava as cidades planejadas para uma vida saudável e para a indústria, “de tamanho suficiente para permitir uma plena vida social, mas não grande demais, rodeada por um cinturão verde, que não somente se preocupa com as residências,

demolições. Este previa a “construção da Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba e a definição do traçado da estação ferroviária de Curitiba, sua localização e desenho urbano resultante, com a concepção de um projeto que previa ruas retas e grandes perspectivas.” (RECHIA, 2003, p. 19) Tal modelo concretizado a partir da inauguração da Ferrovia, em 1885, foi mantido até a década de 1950.

Devido ao grande aumento da população, em 1895, foi criado o Código de Posturas de Curitiba, um instrumento para a manutenção da ordem da cidade. O qual previa padrões de higiene, aperfeiçoamento da estrutura da cidade, estimulando o plantio de árvores, e estabelecimento de regras para a coleta de lixo. Além desses, na legislação constava uma praça integrada próxima a um conjunto de ruas, destinada ao lazer. Dudaque citado por Rechia destaca que “a partir desse código a concepção urbana sofreu uma transformação total” (2003, p. 20). Com este novo modelo, as pessoas não só passavam como também passeavam pelas praças, assim como pelo Passeio Público de Curitiba.

No início do século XX, “com o crescimento populacional, o quadro urbano foi ampliado e iniciou-se o processo de hierarquização da cidade, representada pela divisão dos locais de moradia conforme a classe social” (BARZ, 2009, p. 6). Para tanto, em 1905 foi criada uma lei determinando onde se poderia construir casas de madeira ou de alvenaria (não esquecendo que as casas de alvenaria tem um custo de construção muito maior que as de madeira). Esta lei visava elitizar determinados espaços.

Com a decadência da atividade ervateira e a falta de recursos para grandes obras, nos anos 30 a administração pública foi obrigada a recorrer à tendência de hierarquização dos planos urbanísticos do início do século. As funções da cidade, diretamente influenciadas pelos modelos europeus, foram divididas em três zonas: central com comércio e moradas de alto padrão; fábricas e moradas para operários mais qualificados; e moradas de operários menos qualificados e pequenos situantes.

Em 1943, a cidade passou por um novo processo de transformação em sua estrutura urbana, através da criação de um planejamento urbano diferenciado, o Plano Urbanístico Agache, realizado pelo engenheiro francês Alfred Agache. Esse

mas com o meio ambiente total, integrado, no qual as pessoas possam viver, trabalhar e se divertir.” (2003, p.69)

plano estabeleceu normas técnicas e diretrizes com o objetivo de ordenar o crescimento físico, urbano e espacial da cidade – através do disciplinamento do tráfego, organização das funções urbanas, zoneamento específico. Desta forma, a cidade foi pensada como um conjunto arquitetônico fundamentado sobre o tripé saneamento, sistema viário e uso do solo, procurando a integração da habitação, circulação, trabalho e recreação. (FRANÇA, 2007)

O plano propunha a divisão da cidade em zonas especializadas, através da implementação de centros funcionais setorizados: um centro militar (Bacacheri), um esportivo (Tarumã), um de abastecimento (Mercado Municipal), um de educação (Centro Politécnico da Universidade Federal do Paraná), um industrial (Rebouças), um administrativo (Centro Cívico), e alguns centros de esporte e lazer (Parque Barigüi). Na sequência foi implantado um sistema radial de vias a partir do centro.

As propostas de Agache, embora implantadas parcialmente na cidade, deixaram marcas que perduram até hoje, como as grandes avenidas, as galerias pluviais, o próprio Mercado Municipal, entre outros (FRANÇA, 2007). Por estas obras terem sido implantadas desta forma, o plano ficou obsoleto rapidamente, até tornar-se incontrolável a questão de se orientar a expansão da cidade.

Desta forma, na década de 1950, com o rápido crescimento da cidade novos problemas surgiram, como a construção de edifícios “arranha-céu” em regiões consideradas impróprias, fábricas e comércios em áreas consideradas comerciais, e os loteamentos clandestinos fora do perímetro urbano – como os núcleos da Vila Guaíra, Uberaba, Vista Alegre, Vila Hauer e Parolin. Segundo Oliveira (1995, p. 46),

Dentre os problemas mais prementes destacavam-se o caso dos loteamentos clandestinos, construídos à margem da delimitação de usos possíveis do solo para cada região; as inundações freqüentes a que se submetia o centro da cidade; o déficit de unidades habitacionais; o mau estado da rede viária [...] um centro da cidade medíocre e em deterioração, com a circulação atravancada por vias estreitas cercadas por prédios em decadência.

Diante desta problemática na década de 50, iniciou-se estudos de planejamento na cidade visando a preservação do meio ambiente, sendo que o novo código de posturas apresentava legislação sobre a destinação de lixo e a extração de areia em áreas ainda não ocupadas. Ainda nesse período surgiu a Comissão de Planejamento de Curitiba – COPLAC, com o objetivo de controlar espacialmente a cidade. E em 1954, plano Agache sofreu uma revisão através da criação do

Departamento Municipal de Planejamento e Urbanismo, que tinha como função a de exercer o controle urbanístico da cidade. Questões como o surgimento destes loteamentos “clandestinos” era um dos desafios para os administradores municipais.

Tais questões emergentes na cidade e a criação do curso de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Paraná, derivado das engenharias, em 1960, impulsionaram o debate sobre planejamento urbano. Conforme afirma Oliveira (1995) os profissionais formados com esse novo curso assumiram uma nova postura diante às questões urbanas, compreendendo como necessário um trabalho interdisciplinar e a institucionalização da prática do planejamento urbano. Entre estes novos profissionais estava Jaime Lerner, que chegou a ser prefeito da cidade de Curitiba e governador do Paraná, figura importante para a disseminação dessas idéias, e colocá-las em prática nas obras na cidade.

Em 1965, por uma concorrência pública, a empresa SERETE Engenharia S.A. em associação com o escritório de arquitetura de Jorge Wilhem, ambos de São Paulo, criaram um plano preliminar de urbanismo para a cidade de Curitiba. Este plano buscou a especialização funcional dos espaços da cidade, através dos zoneamentos. Assim como propôs revitalização dos espaços públicos tradicionais da cidade, e a criação de novos pontos de encontro para seus habitantes. Em paralelo, enfatizaram o transporte coletivo, desestimulando o transporte individual.

Já em 1966, foram criados a COHAB – Companhia de Habitação popular de Curitiba e o IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, ambos com fundamental importância para o desenvolvimento do plano. Este instituto era responsável pelo desenvolvimento de projetos, implantação e gerenciamento do Plano Diretor de Curitiba. Desta forma, ele seria responsável por conciliar tempo e espaços urbanos. Sua criação foi determinante para a transformação das idéias em ações concretas.

Buscando controlar o crescimento urbano, “este plano tinha entre outros objetivos, proporcionar o crescimento linear de um centro servido de vias tangenciais de circulação rápida, induzindo o desenvolvimento da cidade no sentido Nordeste-Sudoeste, o adequamento das áreas verdes, a criação de uma paisagem urbana própria” (RIBEIRO, 2005, p. 52)

Preocupados com a preservação do centro tradicional da cidade, além da criação dessas vias estruturais, as principais ruas nessa região foram reservadas

exclusivamente aos pedestres: a pedestrianização. Com essa mesma preocupação, surgiu a proposta da criação de um setor histórico, com o intuito de conservar os prédios da região. Quanto à otimização do transporte, foi proposto a criação de vias exclusivas ao transporte coletivo. Oliveira afirma quanto à tais ações que,

Em todos esses processos predominava a convicção de que a cidade deveria ser feita para o Homem e não para o automóvel; de que a criação de gigantescas avenidas para o automóvel significava a desintegração dos espaços públicos da cidade e a degradação dos seus valores referenciais mais significativos; que o centro deve ser preservado como local de encontro das pessoas e não dos automóveis (OLIVERA, 1995, p. 31)

Buscando criar novos pontos de encontro para as pessoas, a implementação de parques e áreas verdes tradicionais foi adotada, pensando também na questão ambiental, visto que a cidade possuía índices muito baixos de área verde por habitante. Foram desapropriadas as áreas de várzea de rios, impróprias para construções devido ao risco permanente de enchentes, as quais foram destinadas à criação dos parques e áreas de lazer. Ainda quanto a essas questões, foram detalhados os formatos mais adequados as paisagens nas vias estruturais, configurando um padrão de urbanização que fosse caracterizado como típico de Curitiba.

A partir dos anos 70 a cidade foi marcada pelas inovações urbanísticas através da implantação deste plano em sua totalidade, mas com algumas alterações sem perder seu caráter original, através das ações do IPPUC (no período de 1971 a 1983, correspondente às administrações dos prefeitos da ARENA Jaime Lerner). Foi neste momento que a cidade passou por suas maiores transformações física, econômico-social e cultural.

A transformação física se deu pela criação de eixos estruturais e a implantação de um sistema de transporte que poderia se adaptar ao progressivo adensamento. Quanto à transformação econômica, em 1974 foi criada a Cidade Industrial de Curitiba – CIC. A transformação social ocorreu por programas e investimentos que possibilitaram o crescimento da renda coletiva da população, amenizando os efeitos da concentração de renda.

A transformação social se fez com a promoção de uma identidade própria para a cidade, baseada em referenciais urbanos. Inicialmente foram utilizados instrumentos que buscavam a revitalização dos setores tradicionais e históricos da

cidade, além de um programa cultural que conectava lazer e cultura por meio da apropriação de parques públicos. Para tanto, a prefeitura promoveu uma criação acelerada de novos espaços de cultura e lazer na cidade. Quanto a esta questão Rechia pondera que

[...] a transformação cultural da cidade iniciada nos anos 70 segue desenvolvendo um intenso e ininterrupto processo voltado à promoção de uma identidade cultural e de referenciais urbanos para o cidadão. Esse processo pode estar contribuindo para despertar um sentimento de pertencer à cidade, estabelecendo uma cumplicidade entre esta e seus moradores. (2003, p. 28)

Salientando ainda que a parte essencial deste projeto – vias estruturais, criação da CIC, pedestrização do centro, criação do setor histórico, parques e áreas verdes, ônibus expressos – teve sua implementação já no primeiro mandato de Jaime Lerner como prefeito. Em sua segunda gestão, enfatizou a área cultural, ambicionava-se uma possível mudança da mentalidade do indivíduo frente a sua cidade.

Nos anos 80 a participação popular teve um aumento, e a cidade se voltou às ações sociais. Desta forma, Curitiba continuou a promover iniciativas nas áreas de meio ambiente, educação, saúde, transporte, habitação, geração de emprego e renda. Estas e outras ações nomearam a cidade como “capital ecológica”, e o urbanismo aplicado passou a se chamar urbanismo ecológico. Segundo Menezes (1996), citado por Ribeiro (2005, p. 53), com esta idéia “[...] procurou-se criar no imaginário da população um sentido de “identificação” com a cidade, um sentido de orgulho em “pertencer” à cidade de Curitiba”, corroborando com este autor Rechia (2003) fala do sentimento de pertencimento à cidade.

Nos anos 90 Curitiba continuou com um intenso crescimento populacional, que se observava desde os anos 70, fazendo com que fosse necessário um maior planejamento quanto ao seu crescimento, principalmente na ocupação das áreas urbanizadas ao sul da cidade, ampliando o número de escolas, creches, unidades de saúde e programas sociais. Mesmo diante desse significativo aumento populacional, com novos desafios, manteve a preocupação com áreas verdes, transformando-as em espaços para a potencialização da cultura local e para o lazer comunitário (RECHIA, 2003).

Desta forma, no planejamento de Curitiba é possível observar princípios da racionalidade ambiental que Leff aponta⁷, uma vez que algumas intervenções urbanísticas da cidade seguem uma proposta que associa “cidade/homem/natureza”. Em função deste planejamento em busca da sustentabilidade local, a cidade foi sede do evento de preparação para a ECO 92, recebendo da imprensa as denominações de “cidade-modelo”, “cidade ecológica”, “capital brasileira de qualidade de vida”, entre outras.

No entanto, Rechia (2003, p. 88) cita Pereira (2001), que afirma que embora seja considerada um modelo de “cidade ecologicamente correta”, Curitiba “demonstra as contradições da produção do espaço que se baseia em um conceito de ‘progresso’ urbano que contém em si mesmo sua negação: a qualidade de uma área é medida em contradição à precariedade de outras”. Mas mesmo diante dessa contradição, problemas urbanos de ordem política, social e econômica, não se pode deixar de lado os resultados no processo de desenvolvimento urbano da cidade, especialmente se considerados alguns programas e ações, como os programas “Lixo que não é lixo” e “Câmbio verde”. Sobre tal questão, Rechia afirma que

Tais fatos podem estar associados ao processo de institucionalização do planejamento urbano, o qual desempenhou função ímpar na conquista de status alcançado atualmente por Curitiba, o que a diferencia de muitas outras cidades que foram crescendo sem planejamento. Algumas políticas ambientais foram consequência dessas ações e hoje apresentam boas perspectivas. (2003, p.89)

Percebe-se então, concordando com Rechia (2003), que Curitiba busca a qualidade de vida urbana potencializando algumas políticas públicas, articuladas em diferentes dimensões: educação, saneamento, saúde, lazer, cultura, transporte, entre muitas outras. O que pode estar possibilitando e garantindo a quem vive na cidade uma vida um pouco mais saudável, principalmente quando comparado à realidade de urbanização no país, pois procura estabelecer uma relação entre cidade, cidadão e qualidade de vida.

⁷ Citado por Rechia (2003, p. 87), Leff (2001) pondera que “as políticas neoliberais estão levando a capitalizar a natureza, a ética e a cultura”, no entanto, “os princípios de racionalidade ambiental estão gerando novos projetos sociais, fundados na (re)apropriação da natureza, na (re)significação das identidades individuais e coletivas e na renovação dos valores do humanismo”.

3 ESPAÇO, CIDADE...

A cidade, como uma paisagem artificial criada pelo homem, é composta por ruas, casas, edifícios, parques, praças, avenidas. É formada por objetos e imagens, uma mistura entre espaço criado e natural, dinamizada entre a vida privada e pública, onde são articulados tempo/espaço, trabalho, política, consumo, cultura, lazer, e muitas outras dimensões. Conforme afirma Rechia (2003, p. 1) “as grandes cidades contemporâneas constituem-se em um denso espaço, com funções diversas, por meio das quais se estabelecem múltiplas práticas sociais”.

É nela que o indivíduo se reconhece dentro de uma tradição, que adquire uma identidade, individual e coletiva, se conhece e se constitui como um sujeito a dialogar com outro nos diversos tempos e espaços. A cidade é também, como afirma Paula (2006), o espaço do conflito e da conciliação, da alienação e da luta de classes.

A cidade é o lugar doador de sentido à existência individual e do aprimoramento de nosso corpo, nosso espírito e dos usos e hábitos de nosso tempo. Seu espaço, apesar dos tempos atuais, não é mera extensão ou somatória dos espaços privados, pois sua natureza, sentido e função são completamente diversos e, por excelência, é nele que a “humanidade do homem” se forma. (BRANDÃO, 2006, p. 61)

Ainda pode-se citar Rechia, baseada em Santos (2003), ao afirmar que

[...] as cidades se distinguem umas das outras justamente por objetos fixos e fluxos, os quais conferem significação para os moradores. Sendo assim, para compreender a cidade não apenas como um grande objeto, mas como um modo de vida, faz-se necessário analisar as interfaces entre fixos e fluxos que, combinados, caracterizam cada formação social. (2003, p.1)

A cidade então, é composta de várias cidades, de diversos lugares que vão se inserindo nos interstícios do urbano, onde as relações se desenvolvem. É o ambiente contemporâneo do homem. “A cidade é a luz feita do *eu* e, também, do outro, a iluminação do conflito, feita do estranhamento e da alteridade” (HISSA, 2006, p. 86). Os homens, então, são os que fabricam para si mesmos: são o seu espaço, produto do seu trabalho e resultado do seu consumo. A cidade então, é construção do homem, e este que se transforma em sua criação. “O homem cria a cidade e, assim fazendo, recria a si mesmo” (*idem*, p. 88).

A cidade reproduz a existência e seus significados, portanto, não deve ser considerada apenas arquitetonicamente, como um local para alojar pessoas, corpos, empresas, objetos. Mas também como um conjunto de representações que compõe o meio ambiente urbano⁸, capaz de perpetuar tradições, suscitar novos hábitos e idéias.

Analisando a cidade no mundo contemporâneo, em que o consumo é a base da lógica do atual modelo de acumulação, percebe-se que esta foi transformada pelo capital, que vê a sociedade como acesso ao consumo. O fundamental da cidade como espaço da liberdade e da solidariedade se opõe ao regime de alienação e opressão que o capital impôs. Segundo Monte-Mór (2006), a cidade uniu o espaço da vida coletiva e território da produção industrial, e cada vez mais elas se transformaram no centro da organização da sociedade e da economia.

A cidade, enquanto base do consumo, significa a condição fundamental para o desenvolvimento da indústria. Quanto a esta questão, Monte-Mór (2006, p. 190), com base nas proposições de Lefebvre (1969) afirma que

[...] a dominação da indústria, impondo sua lógica de produção centrada no valor de troca sobre a cidade, espaço civilizatório e locus privilegiado do valor de uso da sociedade, teria subordinado a cidade, e por extensão todo o espaço social, à lógica instrumental do industrial, resultando em uma conseqüente despolitização desse espaço social. A divisão técnica do trabalho da fábrica foi transportada para a divisão social no espaço de vida urbana, estendendo a lógica produtiva ao espaço cultural e político que marcava a cidade.

Neste sentido, Lefebvre (2001)⁹, busca distinguir a cidade do urbano, o qual seria um processo extensivo e fragmentário, que redefiniria novos espaços, fluxos, centralidades e temporalidades para além do tradicional espaço da cidade. Processo que contrapõe ao poder do capital diferentes formas de mobilização e construção de identidades coletivas. Ainda segundo Lefebvre, o futuro das cidades, da democracia e da solidariedade, dependerão da capacidade dessas forças sociais que se mobilizam na cidade, de “derrotar o capital”, fazendo com que esta seja o espaço da liberdade e da justiça para todos.

⁸ Compreende-se o conceito de “meio ambiente urbano” como “conjunto das edificações, com suas características construtivas, sua história e memória, seus espaços segregados, a infra-estrutura e os equipamentos de consumo coletivo” (RODRIGUES, 1998, *apud* RECHIA, 2003, p. 10).

⁹ Citado por Paula (2006), p. 29.

Corrobora-se, então, com Luchiari ao afirmar “a importância dos espaços para compreensão da articulação e organização da sociedade” (1996, p.13). É possível compreender as relações sociais a partir da compreensão da constituição do espaço, suas formas de apropriação, suas transformações, os sentidos e significados a ele atribuídos. Neste sentido, o espaço pode ser inserido na constituição de uma teoria social crítica:

O espaço e o tempo deixam de ser considerados como mera representação ideológica das sociedades e passam a ser assimilados como a materialidade latente, o substrato da vida social que também é passível de uma leitura para investigar o comportamento e a estratificação sociais. (LUCHIARI, 1996, p. 218)

Torna-se necessário, então, a compreensão do que é esse termo “espaço”. Milton Santos o interpreta da seguinte maneira:

O espaço não é um pano de fundo impassível e neutro. Assim, este não é apenas um reflexo da sociedade nem um fato social apenas, mas um condicionante condicionado, tal como as demais estruturas sociais. O espaço é uma estrutura social dotada de um dinamismo próprio e revestida de uma certa autonomia, na medida em que evolução se faz segundo leis que lhe são próprias. Existe uma dialética entre forma e conteúdo, que é responsável pela própria evolução do espaço. (SANTOS, 1988, *apud* LUCHIARI, 1996, p. 217)

A partir desta definição, é possível afirmar que é a apropriação dos sujeitos nos espaços que lhe dão sentido e significado. Ou seja, os espaços são reflexos dos acontecimentos, fenômenos, ações e relações realizadas pelos sujeitos que os planejam, constroem, e que se apropriam.

Esta apropriação do espaço, segundo Tuan (1983) citado por Tschöke *et al* (2008), faz com que este se transforme em lugar, preenchido por experiências e vivências relacionadas à dependência e liberdade. O mesmo autor, neste sentido, afirma existir uma dialética entre essas duas dimensões: “O espaço permanece aberto, sugere futuro e convida à ação. O espaço fechado e humanizado é lugar. [...] O lugar representa a segurança, enquanto o espaço representa a liberdade” (TUAN, 1983, *apud* TSCHÖKE *et al*, 2008, p. 2).

Na mesma direção, Milton Santos (1997)¹⁰ afirma que o lugar compreende a dimensão da existência manifestada por um cotidiano em que o conflito é a base da

¹⁰ Questão retirada de Tschöke *et al* (2008)

vida em comum. Desta forma, a apropriação do espaço e as relações sociais podem revelar sentidos e significados nas ações cotidianas. Em resumo, “espaço e lugar são componentes básicos do mundo vivido. Assim, o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (RECHIA; FRANÇA, 2006, p. 63).

Ainda segundo Milton Santos (1997), identifica-se na trajetória dos sujeitos uma sucessão do tempo da família, da escola, do trabalho. E cada um desses tempos possui um espaço específico que lhe confere materialidade própria. “A sucessão de tempos é também uma sucessão de espaços que percorremos e nos percorrem, deixando em nós as marcas que deixamos neles.” (SANTOS, 1991, *apud* RECHIA; FRANÇA, 2006, p. 67)

Nesta direção, Luchiari afirma que “o espaço como categoria analítica torna-se um instrumento interpretativo de fundamental importância para a compreensão da realidade e para o avanço do processo do conhecimento científico” (1996, p. 192), possibilitando a compreensão do fenômeno do lazer atrelado à categoria espaço. Tendo em vista o espaço como um importante instrumento para a compreensão da realidade, o considerando não apenas como um “palco inerte”¹¹ onde os indivíduos executam suas ações. Assim, o estudo de sua constituição pode esclarecer alguns fenômenos sociais como as relações de trabalho estabelecidas, a recente urbanização e manifestações sociais e culturais ocorrentes no âmbito do lazer.

Sem esquecer que o lazer pode ser compreendido, segundo Mascarenhas (2004, p. 103), como “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas, lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia”. Assim, o lazer se constitui como um tempo e espaço de organização da cultura, criando e recriando um novo circuito de práticas culturais lúdicas e educativas. Práticas estas, experimentadas conforme a capacidade de consumo dos indivíduos, com as formas político sociais em disputa e com a funcionalidade atribuída a ele na contemporaneidade (produção e reprodução da força de trabalho).

¹¹ Luchiari (1996) compreende o espaço não como um “palco inerte”, pois este caracteriza-se como um cenário em que se desenvolve a história do ser social, e é responsável pela definição das ações dos indivíduos.

O lazer, portanto, compõe uma esfera da vida cotidiana perpassada pelas mesmas forças que atuam sobre a sociedade em sua totalidade, e configura-se na medida em que interage com as dinâmicas da economia, da política e da cultura. O lazer está para o mundo do trabalho assim como este está para as aspirações e necessidades humanas, assim, “uma vida cheia de sentido fora do trabalho supõe uma vida dotada de sentido dentro do trabalho” (ANTUNES, 1995, *apud* MARCASSA; MASCARENHAS, 2005, p. 256).

O lazer, como afirma Gramsci (1995)¹², é também lugar de organização da cultura, tempo e espaço de educação, desta forma, torna-se palco social de disputa hegemônica entre a indústria cultural no mercado da diversão e entretenimento, e a ação política voltada para uma formação crítica e criativa.

Este compreende a vivência de inúmeras práticas culturais como a brincadeira, o jogo, o passeio, a festa, a viagem, o esporte, a arte, o ócio, dentre outras possibilidades. Desta forma, o lazer segundo Gomes (2004a), é uma dimensão da cultura construída em nossa sociedade, no contexto em que vivemos, a partir da inter-relação do tempo, do espaço-lugar, das manifestações culturais e das ações (ou atitudes). A mesma autora compreende o lazer como

[...] uma dimensão da cultura constituída por meio da vivência lúdica de manifestações culturais em um tempo/espaço conquistado pelo sujeito ou grupo social, estabelecendo relações dialéticas com as necessidades, os deveres e as obrigações, especialmente com o trabalho produtivo. (2004, 125)

Quanto à relação entre lazer e espaço, Müller (2002), citado por Gonçalves (2008, p. 46), afirma que o espaço de lazer possui importância social:

[...] por ser um espaço de encontro e de convívio. Através desse convívio pode acontecer à tomada de consciência, o despertar da pessoa para descobrir que os espaços urbanos equipados, conservados e principalmente animados para o lazer são indispensáveis para uma vida melhor para todos e que se constituem num direito dos brasileiros.

Neste sentido, visualiza-se no meio urbano a relação entre os lugares abertos e as práticas corporais lúdicas. Tais espaços abertos ensaiam a convivência com aquele que não conheço, lugar onde as pessoas podem se estranhar pelo fato de

¹² Citado por Marcassa e Mascarenhas (2005)

serem estranhos, fazendo que este se torne espaço privilegiado para a manutenção das formas de convívio, civilidade e cidadania.

O espaço público é o local em que as afinidades sociais e as diferenças são vivenciadas, a possibilidade de diálogo e transformação. Lugar de conflitos, de problematização da vida social, onde se exercita a arte da convivência. Tais espaços correspondem a imagem da cidade e de sua sociabilidade, “por meio dos quais se produz uma espécie de resumo físico da diversidade socioespacial daquela população, daquele lugar, transformando espaços em lugares” (RECHIA, 2003, p. 131). A mesma autora ainda afirma que os espaços públicos são o próprio pulsar da vida urbana, é através dele que se estabelece o vínculo entre participação ativa e vida na cidade.

Rechia (2003) ressalta a estreita relação entre as práticas corporais de caráter lúdico e os espaços, “essas experiências podem estar sustentadas em valores que contemplam de maneira especial a relação sujeito-ludicidade, gerando um estilo de práticas singulares no ambiente urbano” (p. 9). Portanto, é no tempo-espaço de lazer que os espaços públicos, produtos do poder público, podem se transformar em obras significativas das pessoas que o apropriam.

No entanto, as rápidas mudanças que ocorreram, e ainda ocorrem, em nossa sociedade também alteraram as formas espaciais no ambiente urbano. E tais transformações modificaram as relações entre a vizinhança, os usos e tempos de apropriação dos espaços públicos. Para Carlos (2002) citado por Rechia (2003), tais alterações referem-se ao desenvolvimento técnico que modificou o processo produtivo, assim como as necessidades de circulação das pessoas, mercadorias, informações e as políticas do setor público. Instaurando-se, então, o conflito entre a apropriação do espaço pela comunidade e a dominação do espaço pelo poder público. Fatos estes, que podem “desencadear um refúgio na vida privada, em função dos limites de uso do espaço público, que muitas vezes, geram sentimentos e percepções de segregação, expulsão e exclusão” (RECHIA, 2003, p. 13)

Mas mesmo diante de tais fatos, Rechia ainda ressalta que se mantém a vida dos espaços públicos nas grandes cidades, ou seja, depende do significado que a comunidade lhes atribui. Assim, as vivências no âmbito do lazer podem ser consideradas como “tempo de vida”, momentos que

[...] podem ser compreendidos como cambiantes entre o natural e o construído, entre velocidade e lentidão, entre produção e contemplação, nos interstícios da vida cotidiana, revelando no horizonte uma nova articulação entre espaço e tempo, tendo como consequência primordial a (re)propriação do espaço público, o que pode possibilitar a reconstrução da vitalidade da cidade. (RECHIA, 2003, p. 15)

Portanto, as vivências do ser humano no tempo-espaço de lazer em diferentes ambientes urbanos, embora tensionadas pelo mundo do trabalho na sociedade contemporânea, podem significar um importante elo entre o cotidiano e a cultura local. Assim, conforme afirma Lefebvre (1991), são durante as práticas de lazer e por meio delas os sujeitos, conscientemente ou não, podem realizar a crítica de sua vida cotidiana.

Trazendo esses conceitos para a realidade de Curitiba, é possível identificar que o projeto urbano da cidade buscou integrar a natureza aos planos diretores, unindo o espaço construído à natureza. Desta forma, corrobora-se com Rechia (2003, p. 74) ao afirmar que:

[...] o modelo adotado para a criação de ambientes públicos em Curitiba [...] demonstram que a cidade se destaca pela incorporação da natureza no seu planejamento urbano, o qual tem como pano de fundo uma certa preocupação com a relação homem/cidade, com ênfase no “lazer verde”, distinguindo-a de outras capitais do país e criando em torno de si uma marca identitária que entre várias dimensões ressalta a qualidade de vida urbana e a beleza da cidade-jardim.

No entanto, pode-se observar na cidade uma grande segregação social, e diante de tal fato, Pereira (2001) citado por Rechia (2003, p. 88), afirma que Curitiba “demonstra as contradições da produção do espaço que se baseia em um conceito de ‘progresso’ urbano que contém em si mesmo sua negação: a qualidade de uma área é medida em contradição à precariedade de outras”. É preciso recorrer a história de formação dos espaços da cidade, do bairro, da rua para tentar compreender esse processo dialético.

4 O BAIRRO UBERABA

4.1 UM POUCO DE HISTÓRIA

Os primeiros registros de ocupação da região do Uberaba são do século XVIII, e este possuía como característica econômica pequenas plantações e criação de gado. A palavra Uberaba significa água que brilha, em referência ao Rio Belém, que nas primeiras ocupações era um rio limpo, passando por vários bairros, incluindo o Uberaba.

A vida era simples e pacata. As poucas casas eram feitas de troncos e tinham o chão batido (de barro)... Os desertos descampados e a mata virgem eram cortados por trilhas simples, caminhos para tropeiros que iam e vinham de São José dos Pinhais e Santa Catarina. (FENIANOS, 2001, p. 20)

O bairro era cortado pela trilha dos tropeiros que iam ou vinham de São José dos Pinhais e Santa Catarina, estrada hoje chamada Avenida Senador Salgado Filho. Na planta de Curitiba em 1914 o Uberaba aparece em uma região que atualmente corresponderia aos bairros Alto da XV, Cristo Rei, Tarumã e Jardim Botânico.

Em 1915 foi apresentado o primeiro mapa de Curitiba que mais se aproxima do território que a cidade possui atualmente, e neste, pode-se observar que apesar de as casas serem poucas, grande parte do território do bairro já estava loteado.

Nos anos 40 uma linha de ônibus passou a atender a região, o qual ligava a Praça Tiradentes a São José dos Pinhais. Nesta época os moradores já afirmavam a existência de “dois Uberabas”. O Uberaba de Cima, por sua proximidade com o Boqueirão (um reduto de leiterias), era utilizado para a lavoura e criação de gado leiteiro. Enquanto o Uberaba de Baixo era um grande banhado, de onde saía areia do Rio Iguaçu para as edificações do centro da cidade.

A formação étnica inicial do bairro foi de japoneses, que se encontravam na cidade desde a década de 30 para trabalhar na lavoura. Em 1945 foi escolhido como local para sediar um clube de amigos, hoje conhecido como *Nikkei* Clube.

Nos anos 70 o Guabirotuba e o Uberaba apresentavam características de zonas campestres do Paraná, em que as vacas pastavam em torno das chácaras e

muitas ruas eram vistas como estradas vicinais ou alimentadoras da Avenida Salgado Filho. Somente no final dos anos 80 que tais bairros adquiriram o desenho que têm hoje, com sobrados e conjuntos comerciais, resultado dos loteamentos organizados pelas famílias Camargo e Mehl. Ainda nos anos 90 “o Uberaba era aclamado por sua extensão e seus paradoxos, com vacas pastando ao lado de automóveis e condomínios residenciais bem estruturados, dividindo o território com invasões em seus extremos.” (FENIANOS, 2001, p. 31)

4.2 ASPECTOS SÓCIO-DEMOGRÁFICOS DA ÁREA PESQUISADA

Entre os instrumentos para a compreensão da realidade social da população da região pesquisada, o uso de informações do Censo Demográfico é relevante ao permitir a comparação do universo com o qual se está trabalhando e sua inserção no bairro e mesmo no município como um todo, captando as suas peculiaridades e, principalmente, as suas vulnerabilidades. Tais dados possibilitam conhecer a realidade sócio-econômica da comunidade local através de informações como condições do domicílio, renda e escolaridade.

Será pesquisada uma determinada região do bairro Uberaba, composta pelas seguintes localidades: Jardim das Torres, Moradias Itiberê, Moradias Cairo e Jardim Alvorada.

Apesar da defasagem das informações do Censo Demográfico, realizado em 2000, trata-se da última base de dados disponível. O IBGE realizou a Contagem de 2007 apenas nos municípios com até 170 mil habitantes, não abrangendo, por isso, Curitiba. Entretanto, há que observar que a ocupação desta região já estava praticamente consolidada em 2000, tendo ocorrido poucas transformações que gerassem mudanças nas principais tendências captadas pelo Censo Demográfico.

Este trabalho com o Censo Demográfico foi realizado a partir das informações de Agregados de Setores Censitários¹³, disponibilizadas no site do IBGE. As informações dos setores censitários têm por base os dados coletados no universo

¹³ Por setor censitário, o IBGE classifica “a menor unidade territorial, com limites físicos identificáveis em campo, com dimensão adequada à operação de pesquisas e cujo conjunto esgota a totalidade do Território Nacional, o que permite assegurar a plena cobertura do País” (IBGE, 2003, p. 3).

dos domicílios. Por isso, não contempla informações sobre determinadas variáveis, como mercado de trabalho, que foram pesquisadas apenas numa amostra de 25%.

A área objeto da pesquisa contempla três setores censitários, integrantes do bairro Uberaba: 410690205030157, 410690205030158 e 410690205030159. O mapa a seguir do bairro destaca a localização dos três setores.

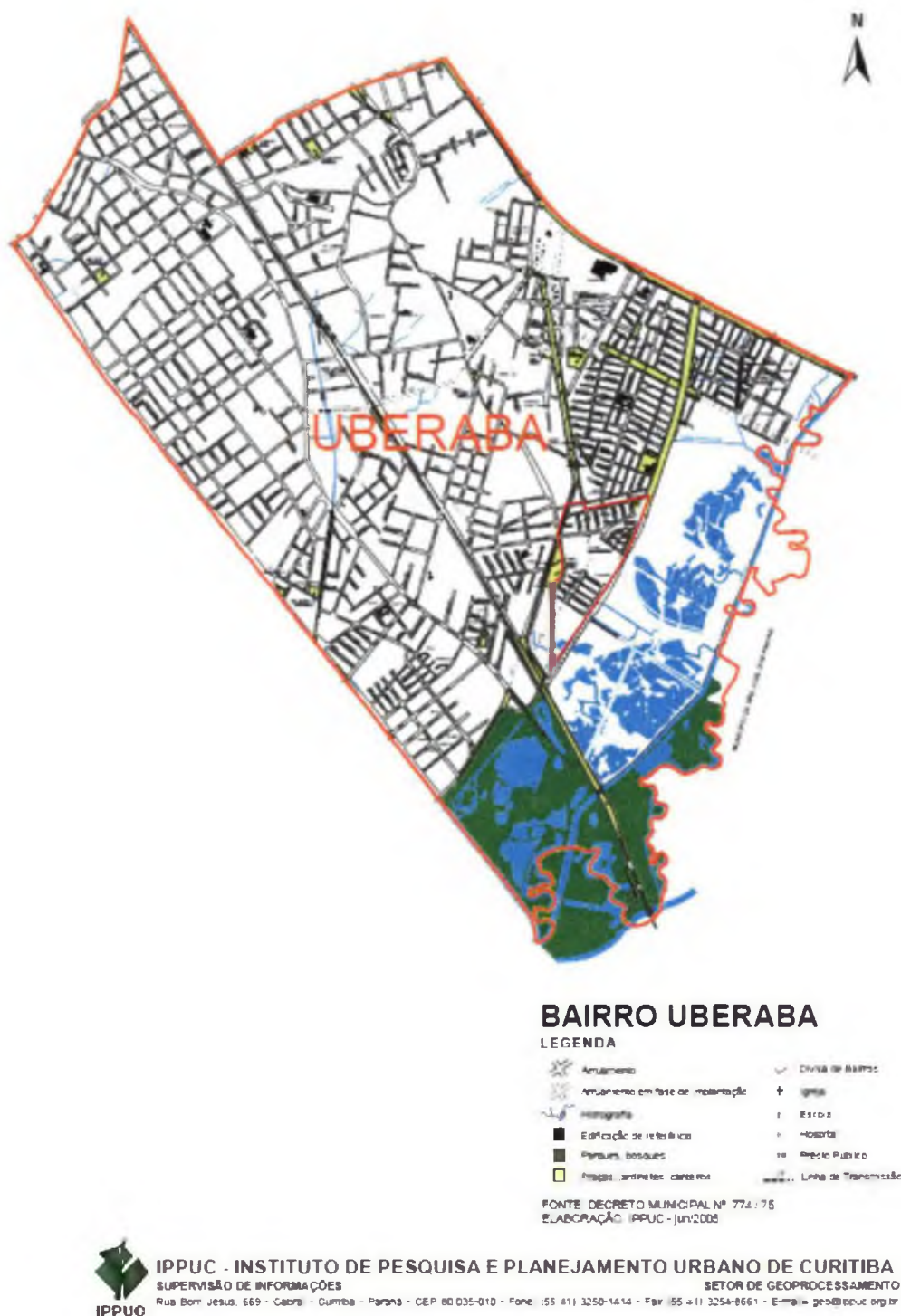


FIGURA 1 - MAPA DO BAIRRO UBERABA COM ÁREA PESQUISADA EM DESTAQUE
FONTE: IPPUC. CURITIBA EM DADOS, 2005

Entre os três setores censitários, um deles (159) foi classificado como setor especial de aglomerado subnormal, ou seja, “conjunto constituído por um mínimo de 51 domicílios, ocupando ou tendo ocupado, até período recente, terreno de

propriedade alheia (pública ou particular), dispostos, em geral, de forma desordenada e densa, e carentes, em sua maioria, de serviços públicos essenciais” (IBGE, 2003, p. 9).



FIGURA 2 – MAPA DO SETOR CENSITÁRIO 159
FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

Constitui, basicamente, área de ocupação irregular, como também pode ser observado no mapa a seguir produzido pelo IPPUC, em que as áreas em amarelo constituem ocupações irregulares.



FIGURA 3 – INSERÇÃO DO SETOR CENSITÁRIO 30159 COMO ÁREA DE OCUPAÇÃO
IRREGULAR
FONTE: IPPUC, 2009

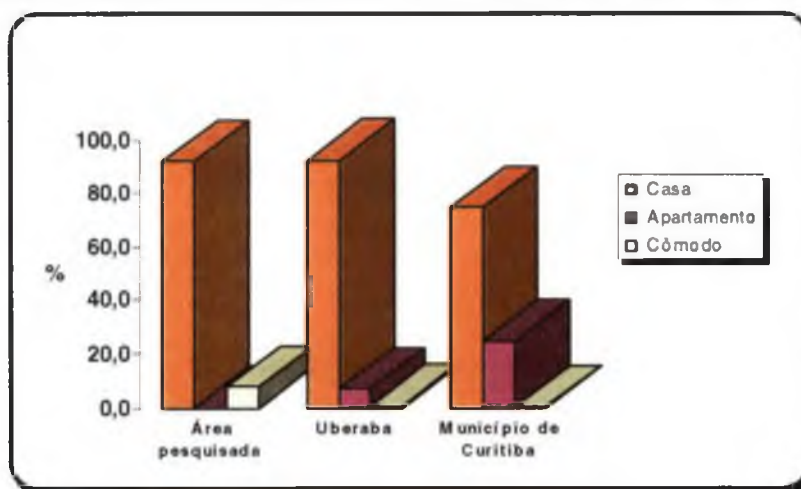
A proximidade à ferrovia é característica de grande parte das áreas de ocupação irregular em Curitiba. Pode-se observar a existência de diversas áreas de ocupação irregular no entorno do setor censitário. A maioria das invasões de áreas públicas com fins de moradia foi característica principalmente dos anos 80 e 90, devido à combinação de crise econômica e redução das disponibilidades financeiras dos estados e municípios para investimentos em habitação.

Os outros dois setores não foram objetos do mesmo tipo de classificação por parte do IBGE.

Para caracterizar esta região, tomou-se por base informações dos domicílios, dos moradores e dos responsáveis pelos domicílios¹⁴. No que diz respeito aos domicílios, foram consideradas variáveis referentes ao tipo e condição de uso, acesso a saneamento básico e número de moradores.

A maior parte das moradias foi classificada como casa (92,2%), havendo também uma elevada proporção de cômodos (7,8%), principalmente associada à forma de ocupação da região. Essa participação dos cômodos como forma de habitação era inclusive superior à média do bairro e do município de Curitiba, como pode ser visualizado no gráfico a seguir.

GRÁFICO 1 – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR TIPO, NA REGIÃO PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA – 2000.

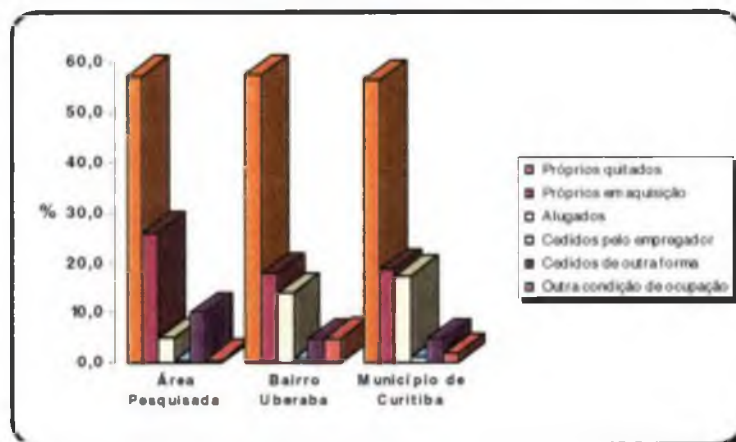


FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

¹⁴ O IBGE define “responsáveis pelo domicílio” como “pessoa responsável, para o homem ou a mulher responsável pelo domicílio particular permanente ou que assim era considerado(a) pelos demais moradores” (IBGE, 2003, p. 13).

A condição de uso indica que há na região em estudo uma proporção relativamente elevada de imóveis cedidos sob outra forma (10,2%), resultado provavelmente do processo de ocupação irregular. A maioria dos imóveis foi classificada como próprios, quitados (57,2%) ou em aquisição (26,1%). Os imóveis alugados representavam apenas 5,2%, percentual inferior à média de Curitiba e Uberaba.

GRÁFICO 2 - DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR CONDIÇÃO DE USO NA REGIÃO PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA – 2000

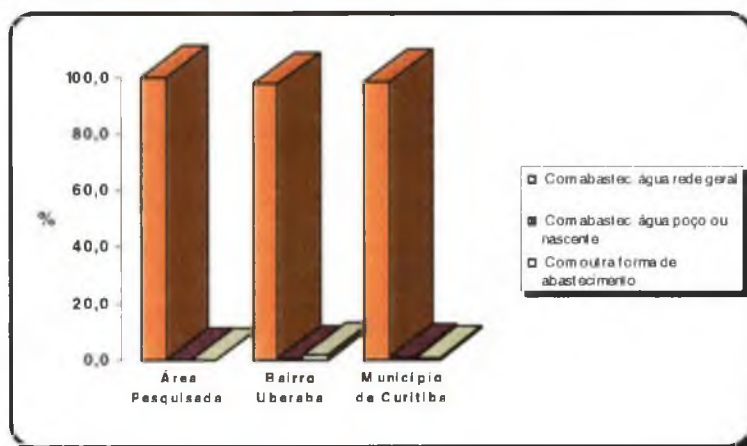


FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

As informações de saneamento básico assentadas no Censo Demográfico referem-se à cobertura dos serviços de água, esgoto e coleta de lixo. No caso de esgotamento sanitário, o acesso à rede geral não necessariamente significa tratamento do esgoto.

Dos 748 domicílios existentes na área pesquisada, apenas um não tinha acesso ao abastecimento de água via rede geral. Ou seja, mesmo parte das edificações sendo construída em área de ocupação irregular, tem acesso à rede geral de água.

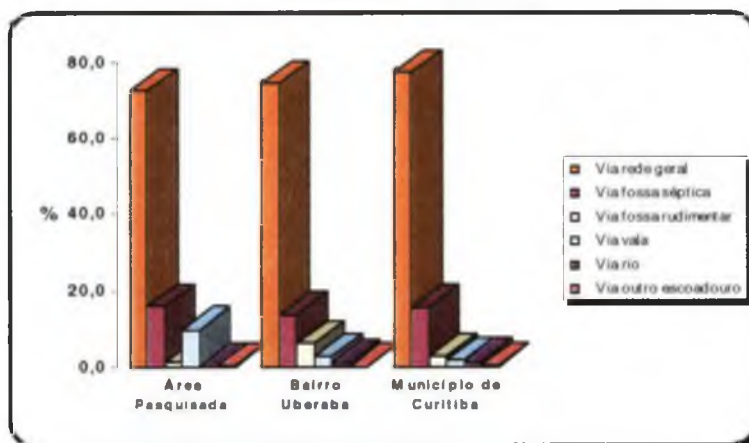
GRÁFICO 3 – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR ABASTECIMENTO DE ÁGUA NA REGIÃO PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

O esgotamento sanitário era acessível a 72,5% dos domicílios. Entre os demais, 15,9% possuíam fossa séptica, provavelmente associado a ocupações mais antigas e à inexistência de tratamento de esgoto na região naquele momento. Chama atenção a elevada proporção de domicílios que destinam seu esgoto via vala, o que contribui para deteriorar as condições de vida da população local. Este procedimento pode estar associado também à forma de ocupação da área.

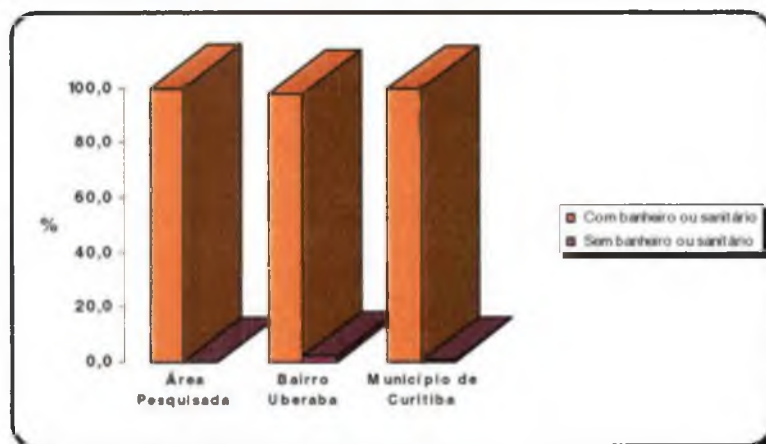
GRÁFICO 4 – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, QUE POSSUÍAM BANHEIRO, POR TIPO DE ESCOADOIRO NA REGIÃO PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

Apesar das deficiências no que se refere ao esgotamento sanitário, apenas um domicílio não possuía banheiro ou sanitário.

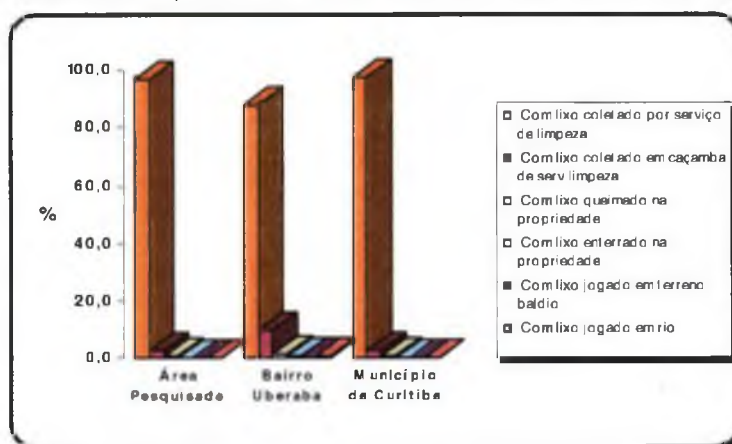
GRÁFICO 5 – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR EXISTÊNCIA DE BANHEIRO NA REGIÃO PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

Por fim, no que se refere às condições de moradia cabe destacar que a maior parte dos domicílios possuía coleta pública de lixo, seja através dos serviços de limpeza (97,1%), seja através de caçamba (2,5%). Pode-se, assim, considerar que a população tem acesso à maior parte dos serviços públicos essenciais.

GRÁFICO 6 – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR DESTINO DO LIXO NA REGIÃO PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA – 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

Quanto ao número de moradores (tabela a seguir), havia em 2000 uma proporção relativamente maior de famílias com maior número de pessoas na área pesquisada em comparação com o bairro Uberaba e Curitiba. Os domicílios com cinco ou mais moradores representavam 28,7% na área em estudo, 23,5% no bairro e 20,3% em Curitiba. Além do processo de ocupação mais recente em relação à média do bairro e de Curitiba, esta característica pode estar associada à presença mais elevada de migrantes recentes e de origem mais rural, em que o padrão de filhos é mais elevado.

TABELA 1 – DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES E PARTICIPAÇÃO RELATIVA POR NÚMERO DE MORADORES NA ÁREA PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2000

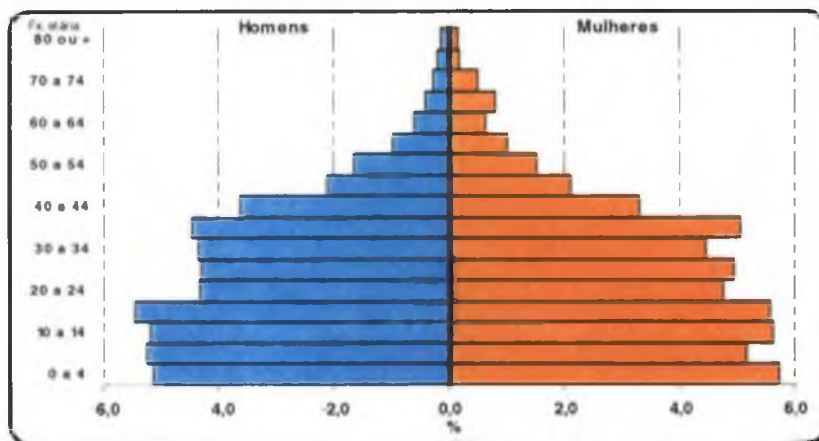
Número de moradores	Área Pesquisada		Bairro Uberaba		Município de Curitiba	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%
1	88	11,8	1.538	9,0	53.063	11,3
2	84	11,2	3.100	18,2	97.186	20,6
3	157	21,0	4.171	24,4	113.811	24,2
4	204	27,3	4.250	24,9	111.369	23,6
5	111	14,8	2.378	13,9	58.853	12,5
6	49	6,6	944	5,5	22.242	4,7
7	29	3,9	389	2,3	8.260	1,8
8	10	1,3	152	0,9	3.472	0,7
9	7	0,9	75	0,4	1.555	0,3
10 e +	9	1,2	67	0,4	1.345	0,3
Total	748	100,0	17.064	100,0	471.156	100,0

FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000.

A população residente em 2000 era de 2.844 pessoas, sendo 1.379 homens e 1.465 mulheres. A média de moradores por domicílio era de 3,8 pessoas, superior à média do Uberaba, 3,5, e de Curitiba, 3,4. A pirâmide etária, importante instrumento de avaliação da demanda por serviços públicos essenciais, como saúde e educação, aponta no caso da área pesquisada uma base mais alargada. A população com até

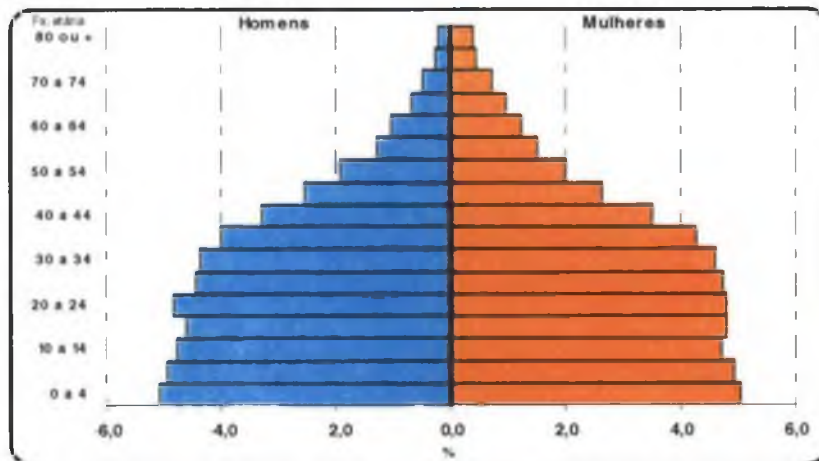
14 anos representava, em 2000, 32,1% do total da área pesquisada, enquanto no bairro era 29,5% e em Curitiba, 24,9%. Isto sugere a necessidade de maiores investimentos em educação e saúde infanto-juvenil na área pesquisada em relação ao Uberaba e Curitiba.

GRÁFICO 7 – PIRÂMIDE ETÁRIA DA ÁREA PESQUISADA - 2000



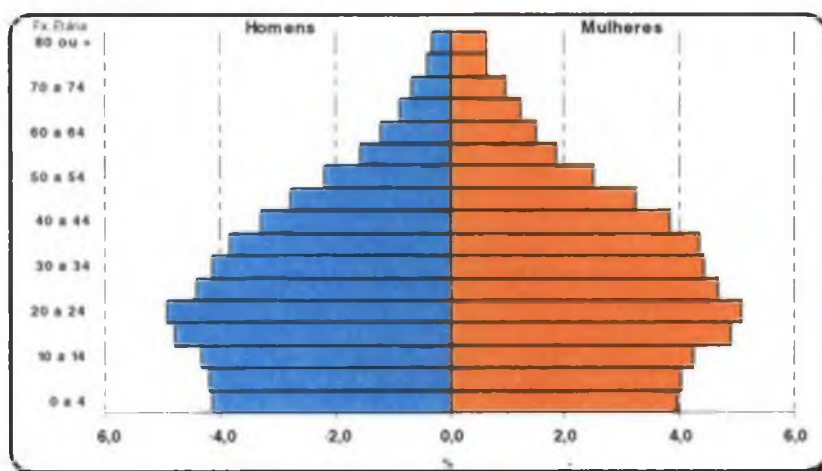
FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

GRÁFICO 8 – PIRÂMIDE ETÁRIA DO BAIRRO UBERABA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

GRÁFICO 9 – PIRÂMIDE ETÁRIA DO MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

Por outro lado, os mais idosos ainda representam uma parcela relativamente menor dos moradores, quando comparada com o bairro e Curitiba. Enquanto no município a proporção de pessoas com 65 anos e mais era de 5,7%, no bairro Uberaba, 4,1%, e na área pesquisada, 2,7%. Desta forma, apesar do processo conhecido como envelhecimento da população já ocorrer em Curitiba, ainda é muito incipiente na região estudada.

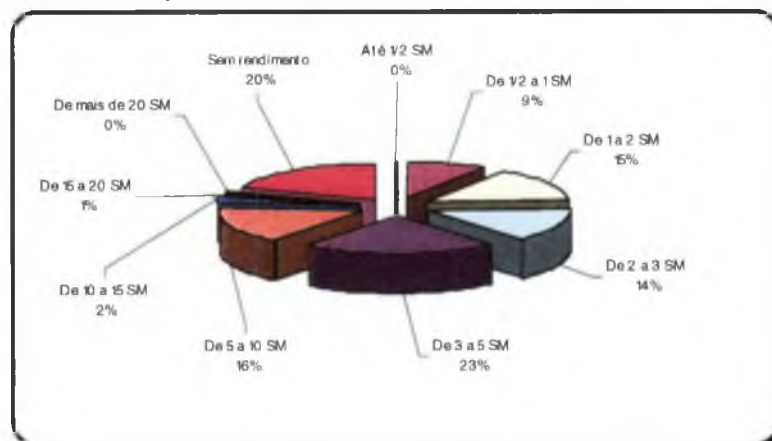
Os indicadores de rendimento e de escolaridade estão disponíveis para os responsáveis pelos domicílios em 2000. Apesar de não abranger todos os membros das famílias, fornece indicações do grau de vulnerabilidade social da população em estudo e sua dependência de políticas públicas.

A distribuição dos rendimentos mostrou-se concentrada nas menores faixas de remuneração, destacando-se a elevada proporção de responsáveis sem rendimentos. Desta forma, enquanto na área estudada a proporção de responsáveis sem rendimentos era de 19,3%, no bairro reduzia para 8,6% e no município, 5,9%. Essa informação, associada à presença de uma população infanto-juvenil relativamente mais expressiva, aponta a existência de um grau mais elevado de vulnerabilidade social.

Já entre aqueles que recebiam alguma remuneração, a diferença entre a região e o bairro não era tão expressiva nas menores faixas de remuneração. Apenas havia maiores discrepâncias nas faixas de maior remuneração. Há que

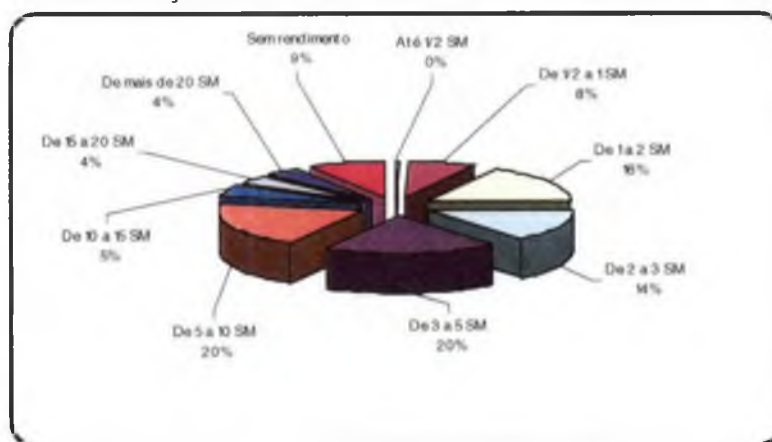
observar que esta não é a única área com ocupações irregulares e maior grau de vulnerabilidade existente no bairro Uberaba.

GRÁFICO 10 – RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR REMUNERAÇÃO MÉDIA MENSAL - ÁREA PESQUISADA - 2000



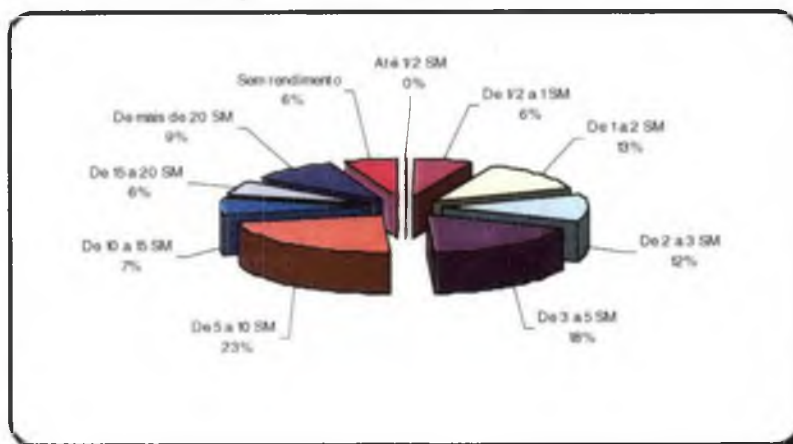
FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

GRÁFICO 11 – RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR REMUNERAÇÃO MÉDIA MENSAL – BAIRRO UBERABA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

GRÁFICO 12 – RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS PARTICULARES PERMANENTES, POR REMUNERAÇÃO MÉDIA MENSAL - CURITIBA - 2000



FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000

As informações de anos de estudo, enquanto indicador de escolaridade, são importante fonte de análise sobre as possibilidades de inserção no mercado de trabalho e estão relacionadas à remuneração obtida. De um modo geral, os responsáveis pelos domicílios da área estudada apresentavam menor escolaridade em relação ao bairro e a Curitiba. Sistemáticamente, para as menores faixas de escolaridade era mais elevada a participação na área estudada. Havia, inclusive, uma participação superior a 50% dos responsáveis sem ensino fundamental completo. Atualmente, o ensino médio completo é um dos pré-requisitos para a inserção mais qualificada no mercado de trabalho. Isto significa que a garantia de acesso à escola é condição fundamental para reduzir o grau de vulnerabilidade da população estudada.

Há que observar que as maiores diferenças ocorrem a partir de onze anos de estudo, principalmente nos indicadores de curso superior completo e incompleto (acima de 11 anos). Mesmo considerando o bairro Uberaba como um todo, havia diferenças com relação à média municipal.

TABELA 2 – RESPONSÁVEIS PELOS DOMICÍLIOS E PARTICIPAÇÃO RELATIVA, POR ANOS DE ESTUDO, NA ÁREA PESQUISADA, BAIRRO UBERABA E MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2000

Escolaridade/anos de estudo	Área Pesquisada		Bairro Uberaba		Município de Curitiba	
	Absol.	%	Absol.	%	Absol.	%

S/instrução ou menos de 1 ano de estudo	45	6,0	2.953	5,4	19.404	4,1
1 ano	20	2,7	1.608	2,9	11.796	2,5
2 anos	36	4,8	1.959	3,6	14.314	3,0
3 anos	46	6,2	2.794	5,1	20.620	4,4
4 anos	144	19,4	8.995	16,4	69.527	14,8
5 anos	57	7,7	2.747	5,0	20.501	4,4
6 anos	33	4,4	1.509	2,8	11.111	2,4
7 anos	32	4,3	2.182	4,0	16.392	3,5
8 anos	121	16,3	6.787	12,4	52.810	11,2
9 anos	15	2,0	1.063	1,9	8.653	1,8
10 anos	23	3,1	1.731	3,2	13.835	2,9
11 anos	144	19,4	11.848	21,6	100.565	21,4
12 anos	2	0,3	771	1,4	8.118	1,7
13 anos	4	0,5	892	1,6	9.097	1,9
14 anos	2	0,3	939	1,7	11.325	2,4
15 anos	14	1,9	3.620	6,6	42.589	9,1
16 anos	3	0,4	1.660	3,0	28.075	6,0
17 anos ou + anos	3	0,4	775	1,4	11.282	2,4
Total	744	100,0	54.833	100,0	470.014	100,0

FONTE: IBGE. CENSO DEMOGRÁFICO, 2000.

Pode-se, assim, caracterizar a população residente na área pesquisada como apresentando baixa escolaridade, baixa remuneração e maior número de moradores por domicílio. A população é relativamente jovem em comparação com a média municipal, apresentando um padrão mais próximo a países com menor grau de desenvolvimento econômico. Vale dizer, há um peso maior de crianças e jovens, que demandam políticas sociais específicas. Os domicílios são bem servidos de alguns serviços públicos essenciais, apesar de algumas deficiências quanto ao esgotamento sanitário. O padrão construtivo mais precário, em muitos casos, está relacionado à estrutura de remuneração e à presença de áreas de ocupação irregular. Há ainda algumas ruas sem calçamento adequado, além da proximidade da linha do trem que constitui elemento segregador dos espaços urbanos e aumenta

a insegurança da população vizinha. Existem valetas, em que são jogados lixo e esgoto doméstico, comprometendo a qualidade de vida da população local.

Ademais, pode-se observar que além das diferenças sócio-econômicas entre a população da área pesquisada em relação ao bairro e a Curitiba, também existem diferenças dentro da própria região. O fato de um setor censitário ser classificado como de ocupação irregular, ao passo que os demais se tratam principalmente de conjuntos habitacionais confere inserção diferenciada a seus habitantes.

A região possui diversos equipamentos públicos na área de educação e saúde que, de certa forma, podem contribuir para reduzir o grau de vulnerabilidade social imposto pela baixa escolaridade e baixo rendimento da sua população. Há um posto de saúde e escolas muito próximas. Além disso, quanto ao atendimento social da comunidade, há uma agência da FAS – Fundação de Ação Social, que tem atuado junto à comunidade, PETI – Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, Pro-jovem e CRAS – Centro de Referência em Assistência Social. Além destas organizações públicas, observou-se a presença do Projeto Sol Nascente, ONG Voice For Change, projetos de contraturno escolar, entre outros. A figura a seguir aponta a localização de diversos pontos de interesse para este estudo.

Os números destacados abaixo referem-se aos seguintes espaços: (1) Praça Renato Russo; (2) Escola Municipal Maria Marly Piovesan; (3) Cancha de Bocha; (4) Unidade de Saúde Alvorada; (5) “Praça do Cairo”; (6) Praça Homero Morinobu Oguido; (7) Contraturno escolar Michel Cury; (8) Contraturno escolar Madre Angela; (9) Associação de Moradores Alvorada; (10) ONGs.

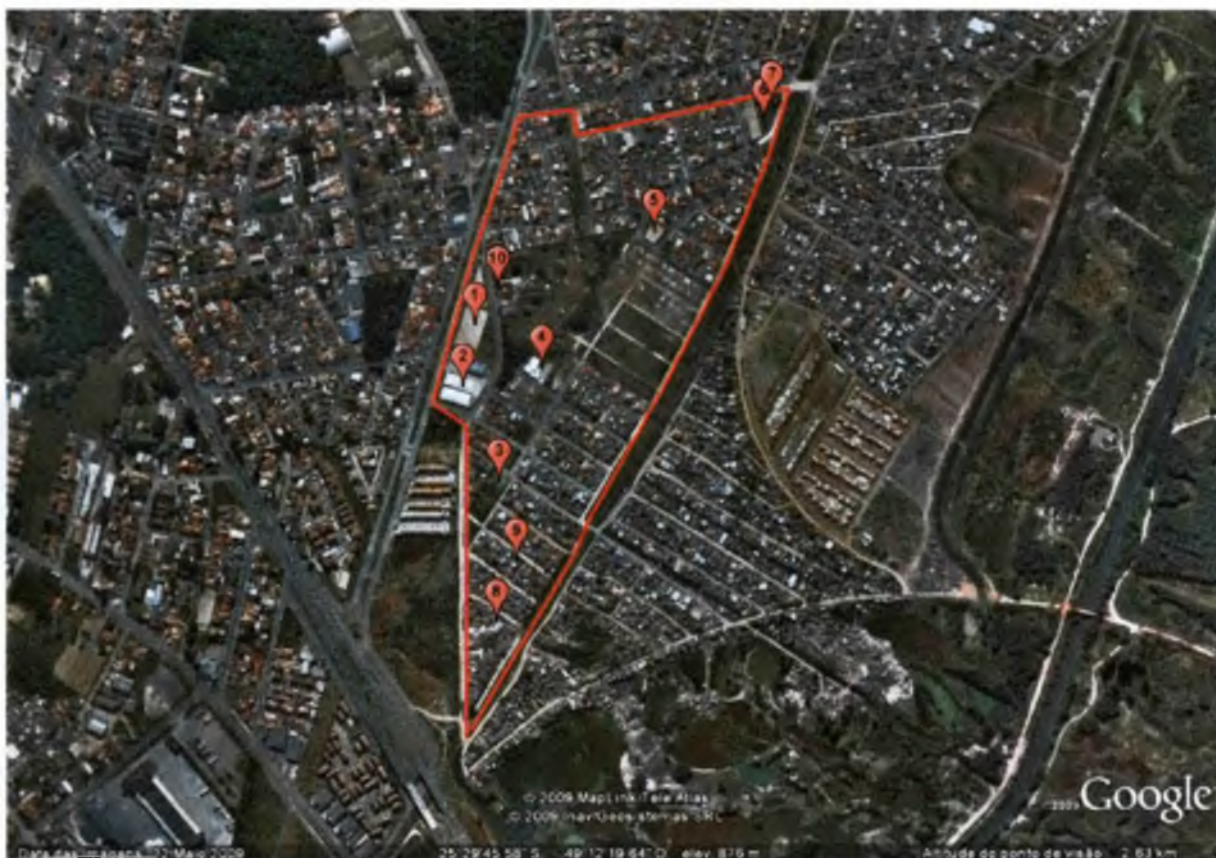


FIGURA 4 – LOCALIZAÇÃO DOS ESPAÇOS IDENTIFICADOS NA ÁREA DE ESTUDO
 FONTE: GOOGLE EARTH, 2009

É, assim, uma área de vulnerabilidade social, com forte atuação de diversas instâncias de promoção e recuperação social. O mapeamento dos espaços de lazer pode se configurar, neste contexto, em um importante instrumento de políticas públicas, principalmente quando se considera a estrutura etária prevalente na área estudada e a situação de vulnerabilidade da população.

Diante dessa realidade, o lazer pode se constituir como “força de organização da sociedade, agência educativa capaz de fomentar e colaborar para a construção de novas normas, valores e condutas para o convívio entre os homens” (MASCARENHAS, 2004, p.13). Passando, desta forma, a ser possível a sua compreensão como tempo e lugar da construção da cidadania e exercício da liberdade. Ainda segundo Mascarenhas (2004), o lazer pode colaborar para a construção de novos valores e normas de convívio entre as pessoas, questionando a ordem e a organização instaurada, através de seu potencial transformador na reorganização da vida social.

Desta forma, o lazer pode ser na vida moderna um tempo para a vivência de valores que contribuem para mudanças na ordem social e cultural, um campo possível da “contra-hegemonia”.

4.3 ESPAÇOS PÚBLICOS DE ESPORTE E LAZER

O bairro do Uberaba, em sua totalidade, conforme dados do IPPUC, apresenta quinze jardinets e quinze praças. Compreendendo jardinets como pequenos pontos de encontro, pensados para oportunizar uma quebra nas edificações e a interação entre as pessoas. Enquanto as praças são espaços maiores, porém com mais algumas funções: agregar pessoas, serviços, moradias, trabalho, transporte publico, além da quebra das edificações. (CAGNATO, 2007)

TABELA 3 – ÁREA DE LAZER POR TIPO NO BAIRRO UBERABA NO MUNICÍPIO DE CURITIBA – 2005

Bairros	Bosques	Centros Esportivos	Eixos de Animação	Jardinets	Jardins Ambientais	Largos	Núcleos Ambientais	Parques	Praças
Uberaba	-	-	-	15	-	-	-	-	15
Curitiba	14	2	15	406	3	54	30	17	416

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS, IPPUC/BANCO DE DADOS
ELABORAÇÃO: IPPUC/BANCO DE DADOS

A tabela acima apresenta as áreas de lazer no Uberaba comparado com as existentes na cidade de Curitiba, mostrando assim que neste bairro não há bosques, centros esportivos, eixos de animação, jardins ambientais, largos, núcleos ambientais e parques; no entanto, há quinze jardinets e quinze praças. Diante desse número de praças e jardinets, buscamos quais deles estavam localizados na área delimitada para pesquisa.

Esses jardinets e praças encontrados nesta determinada área estão, respectivamente, enumerados nos quadros abaixo:

QUADRO 1 – JARDINETES NO BAIRRO UBERABA NO MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2005

Nome do Logradouro	Localização	Área
Jardinete	R. Maracujás X R. dos Cocos X R. Pitangas	1.200
Jardinete	Moradias Ouro Verde	600
Jardinete Cel. Almir Silva	R. Adhemar Vieira de Araújo X R. Ozéas S. de Araújo X R. Oswaldo F. Goelzer	1.512

Jardinete Amurity Rodrigues	R. José Gomes de Mello X R. Amadeu Ciprianoda Silva	1.761
Jardinete	Rio Belém X R. Pacífico Guimarães Teixeira Filho X R. Pe. Julho Saavedra	3.373
Jardinete Anhangava	R. camacuan X R. do Guarumbi X R. do Guairicana	10.635
Jardinete	R. Guilherme Walter Lowry	1.973
Jardinete	R. Nicodemus Zeglin X R. Velcy Bolivar Grando X R. Cap. Leonidas Marques	1.649
Jardinete	R. Cap. Leonidas Marques X R. Cel. Alfredo F. da Costa X R. Herculano Schilipak	1.500
Jardinete	R. dep. Tenório Cavalcanti X R. Atílio Piloto	1.200
Jardinete	R. Dr. Ozeas Saraiva de Araujo X R. Alice Vilas Boas da Conceição X R. Zacarias Gomes de Souza	1.025
Jardinete	R. Acil Lourenço da Cruz X R. Julieta ^a Sado X R. Eulice B. Bartoszeck	1.410
Jardinete	R. Euclides Padilha dos santos X Av. Comendador Franco	500
Jardinete	R. Guabiobas	500
Jardinete	Rodovia Curitiba - Paranaguá BR277 X R. Waldomiro Daldigan X R. Benjamin Gelinski	1.364

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS, IPPUC/BANCO DE DADOS
ELABORAÇÃO: IPPUC/BANCO DE DADOS

Dentre todas os jardins catalogados pela prefeitura no Uberaba, apenas um está no perímetro delimitado, este localizado entre as ruas Acil Lourenço da Cruz, R. Julieta ^a Sado e R. Eulice B. Bartoszeck, com uma área total de 1.410 m², conhecido na região como “Praça do Cairo”.

QUADRO 2 – PRAÇAS NO BAIRRO UBERABA NO MUNICÍPIO DE CURITIBA - 2005

Nome do Logradouro	Localização	Área
Elias Jorge	R. Dalila Lopes Costa X R. Sapoti X R. Zacarias Gomes de Souza	1.563
Homero Morinobu Oguido	R. Sarg. Luiz G. Martins Ribas X R. Dr. Fabio R. Bertoli Arns X R. Aviador Armin Buhrer	4.140
Lafayette Queirolo	R. Francisco Castellano X R. Dona Saza Lattes X R. Benedicto Berrilo Figueiro	7.614
Leopoldina Bueno Da Silva Zibarth	R. Cap. Leonidas Marques X R. Jua X R. Amendoins	2.658
Praça	R. Celio José Pivova X R. Pacífico G. Teixeira Franco X R. Dr. Gonzaga de Campos X R. Simone Daltoso	4.674
Praça	R. Dr. Simão Kossobudski X R. Zulmira Bacila X Rio Belem	7.557
Praça	R. Leonélio Dalledone X R. Masao Ishii X R.	1.700

	Mario Lopes Farinha	
Praça	R. Conego Anibal Maria Difranci X R. Luiza Gazola Santi X R. Maria Elizabete Herrera	3.264
Praça	R. Amauri Mauad Guerios X R. Adao Lauro Vargas X R. Esperidiao Kalluf	7.870
Praça	R. Francisco Licenski X R. Mariano A da Luz X R. Luiz Antonio de Andrade Vieira	4.669
Praça	R. Victor Luiz Maganhoto X R. Dr. Fábio Rogério Bertoli Arns	3.203
Praça	Av. Senador Salgado Filho x Av. Comendador Franco	2.500
Praça	R. Celso Luiz do Vale x R. Ivone Espírito Santo Garcia	2.500
Renato Russo	R. Cap. Leonidas Marques X R. Velcy Bolivar Grando X R. Amauri Mauad Guerios	21.213
Renato Zorze	R. Ulisses Jose Ribeiro X R. Mal . Cardoso Junior X R. Mario Bueno Sobrinho	3.700

FONTE: SMMA/PARQUES E PRAÇAS, IPPUC/BANCO DE DADOS
ELABORAÇÃO: IPPUC/BANCO DE DADOS

Quanto a relação entre o número de praças catalogados pela prefeitura no bairro, e as encontradas na área pesquisada, constatou-se a presença de duas neste perímetro: Homero Morinobu Oguido e Renato Russo. A praça Homero Morinobu Oguido localiza-se entre as ruas Sarg. Luiz G. Martins Ribas, Dr. Fabio R . Bertoli Arns e Aviador Armin Buhner, com uma área total de 4.140 m². A praça Renato Russo, a maior do bairro situa-se entre as ruas Cap. Leonidas Marques, Velcy Bolivar Grando e Amauri Mauad Guerios, com 21.213 m² de área total.



FIGURA 5 – SINALIZAÇÃO DA PRAÇA HOMERO MORINOBU OGUIDO



FIGURA 6 – PRAÇA RENATO RUSSO

A partir de tais dados, foi realizada a pesquisa de campo, percorrendo a pé toda a região delimitada. Esta pesquisa foi apoiada no método de pesquisa qualitativa e baseia-se na aplicação de protocolos de análise, já citados anteriormente (desenvolvidos pela rede cedes, núcleo CEPELS – Centro de Estudo e Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade – ver modelo em anexo). Em seguida, foi realizada uma entrevista semi-estruturada com um gestor público da cidade de Curitiba¹⁵, buscando enumerar as ações administrativas existentes para gestão e planejamento desses espaços.

Diante das observações realizadas, preenchimento dos protocolos durante a pesquisa de campo, e análise da entrevista realizada, pode-se concluir que a tais espaços (jardinetes e praças analisados) foram atribuídas funções básicas a partir de sua constituição arquitetônica, são elas: físico-esportivas e recreativas.

¹⁵ Foi entrevistado um representante do setor de planejamento do Departamento de Parques e Praças, da Secretaria Municipal de Meio Ambiente – SMMA.



FIGURA 7 – QUADRA, PARQUINHO E SISTEMA DE ILUMINAÇÃO DISPONÍVEIS NA PRAÇA RENATO RUSSO

A partir da entrevista realizada foi possível constatar que a Prefeitura Municipal de Curitiba possui alguns “equipamentos padrão”, os quais foram encontrados nas praças analisadas, assim como há um modelo para a instalação dos postes de luz existentes em algumas delas, conforme afirma o gestor entrevistado: “Nós temos nossos equipamentos padrão, que são as canchas, mais voltadas para o lazer, que são as de futebol e vôlei de areia que nós procuramos não impermeabilizar [...] o parquinho”.

Desta forma, quanto aos equipamentos disponíveis nos espaços pesquisados, foram encontrados, basicamente os mesmos descritos pelo gestor entrevistado: canchas de areia, postes para colocação de rede de vôlei, traves de futebol, bancos de madeira e *playground* (gangorra, escorregador e trepa-trepa). Estes equipamentos foram colocados sobre solo de areia, grama ou calçamento, e cercados por uma tela (principalmente as canchas de areia), e duas praças apresentavam postes de luz. Somente na praça Renato Russo foi encontrada pista de caminhada, fato este, que pode ser compreendido por esta estar localizada ao lado de uma escola municipal, além de ser a maior praça do bairro, levando a prefeitura a instalar mais equipamentos nela.

Mediante tais dados, obtidos a partir do preenchimento dos protocolos de observação das praças e jardinetes encontrados na área pesquisada, é possível estabelecer categorias de análise quanto à manutenção, limpeza, iluminação, segurança e apropriação desses espaços.

Quanto à manutenção, observou-se falta de limpeza nos espaços, salientando a presença de acúmulo de lixo em vários ambientes, e nenhuma lixeira foi encontrada nesses espaços. “A limpeza tem uma rotina, que não sei precisar. Mas existe uma firma terceirizada para esta função. [...] Não temos mais colocado lixeira para evitar que vire ponto de lixo” (ENTREVISTA).

Em relação aos equipamentos percebeu-se que possuem uma manutenção regular, de forma a possibilitar sua utilização. A prefeitura mantém o padrão de equipamentos para a facilidade de manutenção:

“O nosso planejamento é o mais prático, mas funcional, o que vai durar mais, que vai ter mais resistência [...] nós estamos começando a restringir a oferta de equipamento que a população teria direito [...] se quiser começar a diversificar muito, não consegue manter”.
(ENTREVISTA)

É possível ressaltar ainda, quanto à iluminação, em que dois dos espaços apresentam postes de luz, o que possibilita o uso em horários noturnos, pois isso garante uma relativa segurança. E como já ressaltado anteriormente, também há um padrão a ser seguido quanto a iluminação; no entanto, a secretaria enfatiza o fato da maioria desses postes serem depredados, há necessidade de instalar postes mais “reforçados”, de acordo com a área na qual esses estão. O fato de dos três espaços públicos analisados, dois apresentavam iluminação e um não, pode ser justificado pela seguinte afirmação feita pelo gestor público durante a entrevista:

“[...] às vezes quando nós estamos fazendo um projeto de implantação de uma área, é necessário fazer uma pista de caminhada, uma cancha, parquinho e iluminação. Não deu o dinheiro, o que a gente vai cortar? [...] Por isso às vezes tem áreas implantadas sem iluminação, por falta de verba.”



FIGURA 8 – LIXO DISPOSTO INDEVIDAMENTE E APROPRIAÇÃO POR UM PROJETO SOCIAL NA PRAÇA HOMERO MORINOBU OGUIDO



FIGURA 9 – MANUTENÇÃO REGULAR, POSTES DE LUZ E O TREM PASSANDO AO LADO DA PRAÇA HOMERO MORINOBU OGUIDO

Apesar de algumas praças possuírem iluminação, garantindo certa segurança durante a noite, não encontrou-se a presença da guarda municipal nestas. No entanto, como afirma Jacobs (2000, p. 36), para que um espaço se torne seguro devem existir “olhos para a rua”, daqueles que se poderia chamar “proprietários naturais da rua”, e esta característica não foi observada nos espaços analisados.

Em relação à apropriação¹⁶, infere-se a partir das informações coletadas durante a pesquisa de campo, que esses espaços estão na maior parte do tempo esvaziados, sendo utilizados apenas quando acontecem ações de programas

¹⁶ Foram feitas observações em variados dias da semana, entre segunda e sexta- feira, entre 7:30 e 17:30 horas, durante o período letivo. Também foi feito acompanhamento dos espaços em alguns finais de semana, em que havia apropriação direcionada por projetos sociais.

sociais, como, por exemplo, na FIGURA 8, durante uma ação do PELC/UFPR – Vila Audi.

Os programas sociais com ações que buscam potencializar esses espaços da comunidade em alguns períodos do dia e da semana são:

- Grupo de ginástica do PELC, o qual utiliza a Praça Renato Russo para executar suas ações;
- Unidade de atendimento Integral Michel Cury, que utiliza a Praça Homero Morinobu Oguido;
- Assim como existem aulas de futebol no período da noite na mesma praça, em que um morador da região voluntariamente ministra essas aulas;
- Unidade de atendimento União Ferroviária, que atende ao Projeto Pró-Jovem, utiliza o espaço da “Praça do Cairo”.



FIGURA 10 – DESAPROPRIAÇÃO NA “PRAÇA DO CAIRO”

De certa forma, este “esvaziamento” aponta a falta de identidade da comunidade com estes espaços públicos, indicando que em parte a estratégia de idealização da sua estrutura não possui maior aderência com a cultura, normas e anseios da população que se pretende atingir. A partir desta constatação pode-se perceber que o estabelecimento de políticas públicas podem estimular a utilização destes espaços pela comunidade para que efetivamente se transformem em estratégias de inclusão social. Sobre esta questão Guimarães afirma que,

As intervenções totalizadoras, idealizadas e executadas e externamente às comunidades, não promovem a realização dessas como atores, mas como público. Sem atores naturais, o espaço – que não é público, mas *para um público* –, requer uma ativação artificial, uma cena ou um espetáculo ou algum tipo de consumo. Assim o lugar dado às comunidades não é o de fazer o espaço, compartilhar, modificar, apropriar, mas de consumo. O produto a ser consumido é definido pelos especialistas, a partir da visão – quase sempre estereotipada – do que é melhor ou em outros casos, mais adequado para as comunidades envolvidas. Ao contrário disso, a modificação de espaços em territórios¹⁷ pressupõe a expressão e impressão pessoal nesses espaços. [...] Para serem efetivados como *públicos*, esses espaços devem ser o resultado da coexistência de vários territórios superpostos, às vezes conflitantes, outras em sintonia. (2007, p. 5)

Portanto, há um processo de estranhamento, de não-reconhecimento do habitante com os lugares, com o outro na metrópole, que marca um “desencontro entre habitante e cidade” (CARLOS, 2001, p. 331).

Além dos espaços institucionalizados como públicos de esporte e lazer listados e descritos anteriormente (praças e jardinetes), foram encontrados na região outros espaços que não se encaixam nessa categoria, mas são utilizados como espaços de lazer, são esses: Escola Municipal Maria Marly Piovesan, Unidade de Saúde / Espaço Saúde Mais, Associação de Moradores Alvorada, Campo de Bocha¹⁸.

No entanto, os gestores públicos salientam a dificuldade para o planejamento desses espaços de lazer. A secretaria atende a demanda do 156, emendas parlamentares elaboradas pelos vereadores, e pedidos encaminhados por associações de moradores. Assim a prefeitura busca identificar as reais necessidades, e ver a possibilidade de realizar ou não tais demandas, pois muitas vezes o que um morador/associação/vereador compreende como necessário para a região, não é compartilhado pelos demais moradores, ou então, é inviável sua realização por diversos motivos técnicos ou financeiros. Outro ponto que tem uma grande interferência no planejamento é a segurança, questão que não deveria ser preocupação para estes, mesmo assim, e faz com que determinadas mudanças, novas idéias não sejam aplicadas.

¹⁷ Conforme afirma Guimarães (2007, p. 3) “o território não é entendido somente pela perspectiva do domínio físico, mas também de uma apropriação que incorpora a dimensão simbólica e, pode-se dizer, identitária, afetiva”.

¹⁸ Esses espaços podem ser visualizados na FIGURA 4, apresentada anteriormente.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise da história curitibana, percebe-se uma quase permanente preocupação com o planejamento da cidade, através de seu zoneamento, ordenação do crescimento físico, urbano e espacial, criação de uma paisagem urbana própria, e a implementação de parques e áreas verdes na cidade, abrangendo tanto a questão ambiental quanto a disponibilização de áreas de lazer para a população.

Compreendendo a cidade como uma paisagem criada pelo homem, com funções diversas, por meio das quais se estabelecem inúmeras práticas sociais, corrobora-se com Luchiari (1996) ao afirmar a importância dos espaços para a compreensão da organização da sociedade. E é a apropriação dos sujeitos que confere sentido e significado aos espaços, fazendo com que este se transforme em lugar, como afirma Tuan (1983). Ou seja, os espaços são reflexos das ações realizadas pelos sujeitos e *vice-versa*.

Tendo em vista o espaço como uma ferramenta para a compreensão da realidade, o estudo deste pode auxiliar na compreensão das manifestações sociais e culturais que ocorrem no âmbito do lazer, o qual pode ser compreendido como “um fenômeno tipicamente moderno, resultante das tensões entre capital e trabalho, que se materializa como um tempo e espaço de vivências lúdicas lugar de organização da cultura, perpassado por relações de hegemonia” (2004, p. 103). As vivências do ser humano nesse tempo e espaço de lazer podem significar um elo entre o cotidiano e a cultura local.

Quanto à cidade de Curitiba, corrobora-se com Rechia (2003), ao afirmar que esta busca a qualidade de vida urbana potencializando algumas políticas públicas, articuladas em diferentes dimensões: educação, saneamento, saúde, lazer, cultura, transporte, entre muitas outras. Fato que pode possibilitar e garantir a quem vive na cidade uma vida um pouco mais saudável, principalmente em comparação à realidade de urbanização no país, pois se busca estabelecer uma relação entre cidade, cidadão e qualidade de vida.

Entretanto, é possível observar na cidade uma significativa segregação social, característica que se reflete pelo processo dialético existente entre os espaços da

cidade, em que a qualidade de uma região é medida em contradição à precariedade de outras.

A região analisada é um exemplo desses opostos existente na capital paranaense, caracterizada por uma população com baixa escolaridade, baixa remuneração e maior número de moradores por domicílio que a média da cidade, com a presença de áreas de ocupação irregular. É, assim, uma área de vulnerabilidade social, com forte atuação de diversas instâncias de promoção e recuperação social. A região possui diversos equipamentos públicos na área de educação e saúde que, de certa forma, podem contribuir para reduzir o grau de vulnerabilidade social imposto pela baixa escolaridade e baixo rendimento da sua população.

O mapeamento dos espaços de lazer da região pode configurar-se em um importante instrumento para o desenvolvimento de políticas públicas, principalmente quanto à estrutura etária prevalecente na área estudada (crianças e jovens) e a situação grave de vulnerabilidade da população. Desta forma, a partir das análises realizadas quanto à manutenção, segurança e diversidade dos equipamentos, percebe-se que não há uma manutenção e limpeza regular; assim como não foi encontrada uma grande diversidade de equipamento nestes espaços; observou-se a existência de postes de luz, possibilitando uma relativa segurança no período noturno, mas nenhum dos espaços possuía algum guarda municipal. Como consequência, nossas observações nos permitem afirmar, que ocorre uma (des)apropriação desses ambientes por parte da população em geral durante os horários observados.

No entanto, os gestores públicos afirmam não ser possível uma maior diversificação dos equipamentos pela dificuldade de segurança, e pela depredação. Desta forma, manter um padrão também facilita a limpeza e manutenção destes, que ocorre conforme um rodízio.

Salienta-se que nessa região existem espaços públicos de esporte e lazer em condições de utilização, porém aponta-se um certo desinteresse da comunidade quanto à potencialização desses ambientes, que pode ocorrer por diversos fatores que não foram objetivados nesse trabalho. No entanto, como afirma Guimarães, a transformação de espaços em lugares dotados de sentido e significado “supõe a decodificação desses espaços em entendimentos pessoais, símbolos próprios,

lembranças e necessidades únicas” (2007, p. 5). Processo este que requer tempo, possibilidades de interferências, intervenções, e que muitas vezes vão contra o ideal estético pré-concebido.

Assim, compreendendo que os espaços públicos de esporte e lazer na sociedade contemporânea são planejados com objetivo de gerar “encontro” entre as pessoas, observa-se problemas de ordem estrutural, administrativa e educacional, que impedem que tal objetivo seja atingido. De certa forma, a não utilização destes espaços pela comunidade pode estar refletindo a sua noção de não pertencimento a um determinado padrão de acumulação predominante em Curitiba. A própria comunidade se sente excluída destes espaços criados sob a gênese do consumo.

REFERÊNCIAS

BARZ, Elton Luiz; *et al.* **História de Curitiba**. Curitiba, 1999. Disponível em: <http://www.casadamemoria.org.br/index_historiadecuritiba.html>. Acesso em: 3 Jun. 2009.

BRANDÃO, Carlos Antônio Leite. As cidades da cidade. In: _____ (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 9-20.

CAGNATO, Euza Virginia. **Praça Afonso Botelho**: o foco das observações no âmbito do esporte e lazer. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **Espaço-tempo na metrópole**: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.

FENIANOS, Eduardo Emilio. **Jardim das Américas, Guabirotuba e Uberaba**: presentes do passado. Curitiba: Universidade, 2001.

FRANÇA, Rodrigo de. **Diálogos entre Oferta e Demanda**: Uma análise da relação entre o Poder Público e os grupos de Ativismos Sociais referente aos Parques da cidade de Curitiba. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

GEERTZ. C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro. LTC – Livros técnicos e científicos Editora S. A., 1989.

GOOGLE EARTH. **Curitiba**. Imagem de: 22 mai. 2009. Disponível em: <<http://earth.google.com/intl/pt-BR/>>. Acesso em: 27 nov. 2009.

GOMES, Christianne. **Lazer - Concepções**. In: Christianne Luce Gomes. (Org.). **Dicionário Crítico do Lazer**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 a. p. 119-126.

_____. **Lazer - Ocorrência histórica.** In: Christianne Luce Gomes. (Org.). **Dicionário Crítico do lazer.** 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004 b. p. 133-141.

GONÇALVES, Felipe Sobczynski. **Espaços e equipamentos de lazer da Vila Nossa Senhora da Luz:** suas formas de apropriação no tempo/espaço de lazer. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

GUIMARÃES, Cristina Maria de Oliveira. **Espaços públicos ou espaços para o público?** Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp448.asp>>. Acesso em: 23 nov. 2009.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. Ambiente e vida na cidade. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As cidades da cidade.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 81-92.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Demográfico, 2000.** Agregado por Setores Censitários dos Resultados do Universo, 2ª edição, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 19 jul. 2009.

_____. **Censo Demográfico, 2000.** Mapa de setor censitário. CD-ROM.

INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC. **Curitiba em dados.** Disponível em: <http://ippucnet.ippuc.org.br/Bancodedados/Curitibaemdados/Curitiba_em_dados_Pesquisa.asp>. Acesso em: 21 jul. 2009.

LEFEBRE, Henry. **A vida cotidiana no mundo moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

LUCHIARI, Maria Tereza. A categoria espaço na teoria social. **Revista Temáticas**, Campinas, jan./jun. p. 191-238, 1996.

MARCASSA, Luciana Pedrosa; MASCARENHAS, Fernando. Lazer. In: Fernando Jaime González; Paulo Evaldo Fensterseifer. (Org.). **Dicionário Crítico de Educação Física**. Ijuí: Unijuí, 2005, v. 1, p. 255-259.

MASCARENHAS, Fernando. **Lazer como prática de liberdade**. Goiânia: Editora da UFG, 2004.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Programa Esporte e Lazer da Cidade**. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/sndel/esporte_lazer/default.jsp>. Acesso em: 30 Abril 2009.

MONTE-MÓR, Roberto Luís. A cidade e o urbano. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 185-197.

OLIVEIRA, Dennison de. **A política do planejamento urbano**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

OLIVEIRA, Marcelo Ponestki. **A Relação Entre Atividade Física/ Esporte e Lazer em Parques Públicos de Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, 2007.

PAULA, João Antônio de. As cidades. In: BRANDÃO, Carlos Antônio Leite (Org.). **As cidades da cidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 35-54.

RECHIA, Simone. **Parques públicos de Curitiba: a relação cidade-natureza nas experiências de lazer**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

_____; FRANÇA, R. O estado do Paraná e seus espaços e equipamentos de esporte e lazer: apropriação, desapropriação ou reapropriação!. In: MEZZADRI, F. M.; CAVICHIOILLI, F. R.; SOUZA, D. L. de. **Esporte e lazer**: subsídios para o desenvolvimento e a gestão de políticas públicas. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 61-74.

RIBEIRO, Renata Maria. **Planejamento urbano, espaços públicos de lazer e turismo no bairro Uberaba em Curitiba – Pr.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Setor de Ciências da Terra, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

TSCHÖKE, Aline, *et al.* Espaço: possibilidade da materialização das relações sociais. In: ENCONTRO DA ALESDE, 1, 2008, Curitiba. **Anais do I Encontro da ALESDE: Esporte na América Latina: Atualidade e Perspectivas.** Curitiba, 2008. CD-ROM.

ANEXO I

PROTOCOLO DE OBSERVAÇÃO DOS ESPAÇOS E EQUIPAMENTOS DE ESPORTE E LAZER

Cidade: _____ Data: ____/____/____ (_____).

Contato: _____ Função: _____.

ESPAÇO: _____.

PERFIL

Caráter / Responsável: _____.

Localização: _____.

Público que atende: _____.

OBJETIVO

Finalidade: _____.

☐ Específico

☐ Não – específico

Função Básica:

☐ Trabalho

☐ Educação

☐ Formal

☐ Religiosa

☐ Viários

☐ Cívicos

☐ Domésticos

☐ Gastronômicos

☐ Naturais

☐ Culturais

☐ Esportivas

☐ ()

Recreativas

☐ Turismo

☐ Sociais e associativas

☐ De expressão física e atlética

HISTÓRICO

Fundação: _____.

Origem: _____.

ACESSIBILIDADE

Espaço físico: _____.

Valor: _____.

Horário: _____.

Tempo: _____.

☐ Diário

☐ Fim de semana

☐ Férias

DESCRIÇÃO

Área total: _____.

Equipamentos: _____.

_____.

Materiais: _____

Condições: _____

() Limpeza () Segurança () Iluminação () Manutenção

Banheiros: _____

APROPRIAÇÃO

Projetos: _____

Faixa etária / Sexo: _____

Outras formas de apropriação: _____

SUGESTÕES

OBSERVAÇÕES



ANEXO II

ENTREVISTA REPRESENTANTE

DEPARTAMENTO DE PARQUES E PRAÇAS – SMMA

Identificação do entrevistado

Nome, função, escolaridade, contato.

QUESTÕES

- 1) Como é feito o planejamento para a construção dos parques e praças de Curitiba?
- 2) Há um modelo único de equipamentos ou há uma diversidade, dependendo da região ou dos anseios de certas comunidades?
- 3) Quanto à gestão administrativa dos parques e praças da cidade, como são desenvolvidas as políticas quanto a:
 - a) Manutenção e limpeza (equipamentos/estrutura); Com que frequência é realizada a manutenção e limpeza dos espaços? Quanto custa para manter um espaço público de esporte e lazer?
 - b) Policiamento/iluminação;
 - c) Acessibilidade.
 - d) Como é a participação comunitária na gestão desses espaços.
- 4) Pensando sobre uma gestão para a apropriação desses espaços, são realizadas intervenções(projetos, eventos) objetivando incentivar a comunidade a apropriar-se desses locais? Se sim, de que forma? Quem é o responsável por seu planejamento e organização?
- 5) Há uma certa preocupação especial com as diferentes faixas etárias? De que forma está inserida nas questões anteriores?

5) Quais espaços você acredita serem destinados a vivência do lazer das crianças na cidade de Curitiba, e especificamente na região do bolsão de pobreza Audi-União no bairro Uberaba?